



Pandemia de narrativas

vida em quarentena

um hipertexto sobre tempo, corpos e afetos

[ORGANIZADORAS]
Claudia Turra Magni
Daniele Borges Bezerra



casaletras

The logo for CasaLetras, featuring a stylized house icon above the text.



Pandemia de narrativas

vida em quarentena
um hipertexto sobre tempo, corpos e afetos

[ORGANIZADORAS]
Claudia Turra Magni
Daniele Borges Bezerra



UFPEL




casaletras
PORTO ALEGRE
2022

Copyright ©2022 das organizadoras.

Direitos desta edição reservados às organizadoras, cedidos somente para a presente edição à Editora Casalettras.

Importante: as opiniões expressas neste livro, que não sejam as escritas pelas organizadoras em seus capítulos, não representam ideia(s) destas. Cabe, assim, a cada autor(a) a responsabilidade por seus escritos.

Editor:

Marcelo França de Oliveira

Conselho Editorial

Prof. Dr. Amurabi Oliveira (UFSC)

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes (UFPEL)

Prof. Dr. Elio Flores (UFPB)

Prof. Dr. Fábio Augusto Steyer (UEPG)

Prof. Dr. Francisco das Neves Alves (FURG)

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas (UFPEL)

Prof^a Dr^a Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Prof. Dr. Moacyr Flores (IHGRGS)

Prof. Dr. Luiz Henrique Torres (FURG)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P1923 Pandemia de narrativas - vida em quarentena: um hipertexto sobre tempo, corpos e afetos / Claudia Turra Magni e Daniele Borges Bezerra (Orgs.). Porto Alegre: Casalettras, 2022.

110 p.

II.

Bibliografia

ISBN: 978-65-86625-48-6

1. Ciências Sociais - 2. Antropologia - 3. Pandemia de Covid-19 - I. Magni, Claudia Turra - II. Bezerra, Daniele Borges - III Título.

CDU:572

CDD:301



EDITORA CASALETTRAS

R. Gen. Lima e Silva, 881/304 - Cidade Baixa

Porto Alegre - RS - Brasil CEP 90050-103

+55 51 3013-1407 - contato@casalettras.com

www.casalettras.com

[APRESENTAÇÃO]
Claudia Turra Magni
Alexsânder Nakaóka Elias

[INTRODUÇÃO]
Daniele Borges Bezerra

[AUTORES CAPÍTULOS]
Daniele Borges Bezerra
Amanda Dias Winter e Alexsânder Nakaóka Elias
Mateus Fernandes da Silva

[POSFÁCIO]
Priscila Chagas Oliveira

[DIAGRAMAÇÃO]
Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som

[LOGOTIPO DO PROJETO]
Nicola Bianco

[FINANCIAMENTO]
PROAP/CAPES

- 07** | **Apresentação: Uma mirada para o futuro**
Claudia Turra Magni e Alexsânder Nakaóka Elias
- 12** | **Introdução: Um hipertexto sobre corpos, tempo e afetos**
Daniele Borges Bezerra
- 18** | **Por uma política dos afetos: narrativas em rede**
Daniele Borges Bezerra
- 46** | **Um breve atlas da pandemia: retratos da casa-rua**
Amanda Dias Winter e Alexsânder Nakaóka Elias
- 73** | **Corpoesia coletiva**
Mateus Fernandes da Silva
- 105** | **Posfácio: As cicatrizes do nosso espaço-tempo: arquivamento e coletivização**
Priscila Chagas Oliveira
- 110** | **Sobre as autoras e os autores**

sumário

Uma mirada para o futuro

Claudia Turra Magni
Alexsânder Nakaóka Elias

Ninguém poderia imaginar a calamidade que se abateria sobre a humanidade no início de 2020, nem o fato de que, dois anos depois, o Brasil contabilizaria 616.000 óbitos¹. Mais do que fatalidade, esta grandeza resulta da desinformação criminosa, do investimento em tratamentos ineficazes, dos caminhos tortuosos e tardios na aquisição de vacinas, da rejeição ao uso de máscaras e álcool em gel, da negligência quanto ao distanciamento social, enfim, do negacionismo e anti-cientificismo que se tornaram bandeira em nosso país. Enquanto isso, famílias inteiras permanecem devastadas e enlutadas, sem poder, sequer, velar seus mortos. A maioria delas, pobres e negras, provém das periferias brasileiras, sem falar nos povos originários que, desde sempre, sofrem com as mazelas impostas pelo Estado - seja ele português, imperial ou republicano. Associado à crise sanitária e ao desamparo socioeconômico, alastraram-se o desemprego, a fome e a doença, física e mental, de boa parte da população brasileira.

É desta experiência de viver em um país desgovernado em plena pandemia da Covid-19, que surge este livro, testemunho da tragédia e da esperança de vidas que resistem e daquelas que não são mais. Na posição de acadêmicos/as de Ciências Sociais, sentimos a premência de discutir as dimensões éticas, morais e sensíveis que emergem deste contexto, e, ao mesmo tempo, clamar pela defesa da dignidade humana e dos direitos fundamentais adquiridos desde a Constituição de 1988.

Para aprender a lidar com a vida em quarentena, o Grupo de Pesquisas Antropoéticas, da Universidade Federal de Pelotas, teve que cancelar seus encontros semanais em torno da grande mesa do LEPPAIS², onde se costumava compartilhar um cafezinho recém passado ou bergamotas

¹ Dados preliminares divulgados pelo consórcio dos veículos da imprensa nacional, formado pelo G1, O Globo, Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e Uol.

² Laboratório de Ensino Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som da Universidade Federal de Pelotas.

trazidas da feira. Solidão, desnoriteio, insegurança e fragilidade foram se disseminando com velocidade assombrosa...

O [@pandemiadenarrativas](#) foi então criado como ancoradouro para que pessoas de todos os horizontes pudessem expressar, em imagens e sons, os sentimentos e reflexões que pululavam diante dos novos dilemas existenciais. Esse espaço de exposição e partilha na rede social do Instagram foi implementado por Daniele Borges durante seu pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPel. Este projeto de extensão contou com o protagonismo de estudantes do Bacharelado em Antropologia e Arqueologia, que passaram a se revezar nas tarefas de concepção e elaboração da página, comunicação com o público, recepção, postagem e repostagem das obras enviadas. De todas as regiões do país e de fora, passaram a chegar desenhos, *sketchs*, bordados, pinturas, poesias, crônicas, cartas, foto-filmes, vídeos, colagens, performances, áudios...

Nesses fragmentos poéticos impregnados de emoção, apatia, resignação e/ou revolta, a plasticidade humana revela todo seu vigor. Naquilo em que dão a ver e ouvir, mas também nos hiatos entre as imagens visuais e sonoras que compõem essa exposição virtual, percebe-se o anseio diante do desconhecido e modos subjetivos de lidar com experiências de ruptura, perda, afecção, dilaceramento, ambientes exíguos, busca de ar e de raios de sol.

Ao final de 2021, o projeto já contava com, aproximadamente, 1.513 seguidores e 565 publicações, tendo se tornado um ambiente de acolhida e reconforto, identificação e estranhamento, testemunho e oráculo. Com este livro, queremos olhar para trás, acessar, preservar e fazer circular tais narrativas, dando (sobre)vida a este acervo virtual. Celebramos, assim, a resiliência de todas as pessoas que dele participaram, homenageamos aqueles/as que nos deixaram e manifestamos repúdio à governança calamitosa da pandemia em nosso país.

A curadoria das obras destacadas neste livro foi feita por integrantes da equipe, que nos oferecem seus textos-imagens - relicários da memória, para que possamos, juntos/as, superar esse período liminar, sem jamais esquecer das atrocidades políticas que agravaram exponencialmente a crise sanitária, impactando as nossas formas de socialidade e nos colocando diante de um mundo abismal.

Mundo distópico, quase escatológico, para o qual Daniele Borges aponta ao introduzir esse hipertexto, construído a várias mãos, corpos, sentidos e cérebros. Ao ressaltar a natureza bélica na condução da pandemia brasileira, ela destaca a falácia do sentido atribuído à palavra

“liberdade” por quem se recusa a aderir às medidas sanitárias restritivas. A autora ainda reflete sobre a alteração da percepção de tempo e espaço, a partir de novas formas de deslocamento e interação potencializadas pelas malhas da rede mundial de computadores.

Daniele Borges também apresenta seu manifesto “Por uma política dos afetos”, em que, diante do negacionismo, exalta o papel da arte para confrontar, processar e narrar perdas objetivas e subjetivas. Em sua defesa do ato poético como meio de imaginar caminhos e alternativas para suportar eventos dolorosos, ela roga por imagens para a memória e a imaginação, atentando para a potência transformadora de uma política afetiva.

Em “Um breve atlas da pandemia: retratos da casa-rua”, Amanda Winter e Alexsânder Nakaóka Elias tecem uma narrativa verbo-visual em que a(de)nunciam uma vez mais a necropolítica na condução da pandemia e de seus efeitos, prolongados pelo surgimento da variante Ômicron. Ao analisarem obras sensíveis e potentes publicadas no Instagram, investem na relação entre polos que se estabelecem a partir do encontro: em lugar do “eu” versus o “outro”, surge o “nós”; ao invés de oporem a paisagem às imagens/representações mentais de mundos, valorizam as experiências de vida, repletas de angústias e esperanças entrelaçadas, partindo do íntimo para o coletivo: Eu-Casa.... Eu-Nós... Nós-Mundo...

O “texto/poesia” de Mateus Fernandes da Silva parte da proposição de um corpo constelar, constituído por meio de uma rede de relações entre pessoas, grafias e afetos. Ao selecionar fragmentos das diferentes narrativas gráficas compartilhadas no perfil do Instagram, Mateus articula rastros desses corpos que se espalham nas interações do ciberespaço, no qual atores humanos se “remendam” com algoritmos e criam uma cosmologia de presenças formada por um organismo atravessado pela pandemia.

O livro encerra com um posfácio de Priscila Chagas, destacando o caráter memorial do [@pandemiadenarrativas](#). Juntamente com outros museus virtuais do tempo presente, ele tem a árdua tarefa de impedir de nos anestesiarmos diante de tantas vidas despedaçadas, imprimindo no inconsciente coletivo imagens de um trauma a não ser esquecido ou banalizado.

Através dessa obra multimodal, queremos reiterar o caráter “antropoético” destas narrativas audiovisuais, gráficas, orais e performáticas. Ou seja, suas dimensões antropológicas, éticas, poéticas e políticas parecem-nos indissociáveis enquanto vias de expressão e transbordamento de múltiplos sentimentos e afecções, como dor, angústia, desespero, mas também alegria, confiança, acolhimento e esperança de que novos ventos soprem, levando embora essa doença que

nos aflige duplamente, em termos epidemiológicos, mas também políticos.

Agora, nos idos de dezembro de 2021, uma fagulha de esperança começa a emergir, sustentada pela eficácia das diversas vacinas contra a Covid-19, desenvolvidas em um esforço hercúleo da comunidade científica mundial. A despeito dos ataques à Ciência por parte da cúpula governamental, 77,7% da população brasileira já foi imunizada com a primeira dose (65,6% totalmente vacinados), reduzindo a taxa de mortalidade diária para 100 pessoas. No auge da pandemia, tal número ultrapassava o índice de 4.000 vidas perdidas cotidianamente. Números e mais números, gráficos e tabelas as quais aprendemos a observar e analisar até nos tornarmos entorpecidos, por uma situação inassimilável no curto prazo de tempo em que se desenrolava.

Mas estamos tratando de vidas, histórias e experiências que estão sendo interrompidas, e que não podem cair no esquecimento. Temos o dever de lembrar, e este é o propósito desta publicação, em que arte e antropologia se amalgamam para exortar, interagir, comunicar, descrever e conhecer a “vida em quarentena”. Juntamente com tantas outras narrativas corajosas e insubmissas que proliferaram durante a pandemia, apostamos no caráter epidêmico deste hipertexto, para podermos superar a aflição e o desamparo que marcam nossos corpos e afetos no tempo presente.

Um hipertexto sobre corpos, tempo e afetos

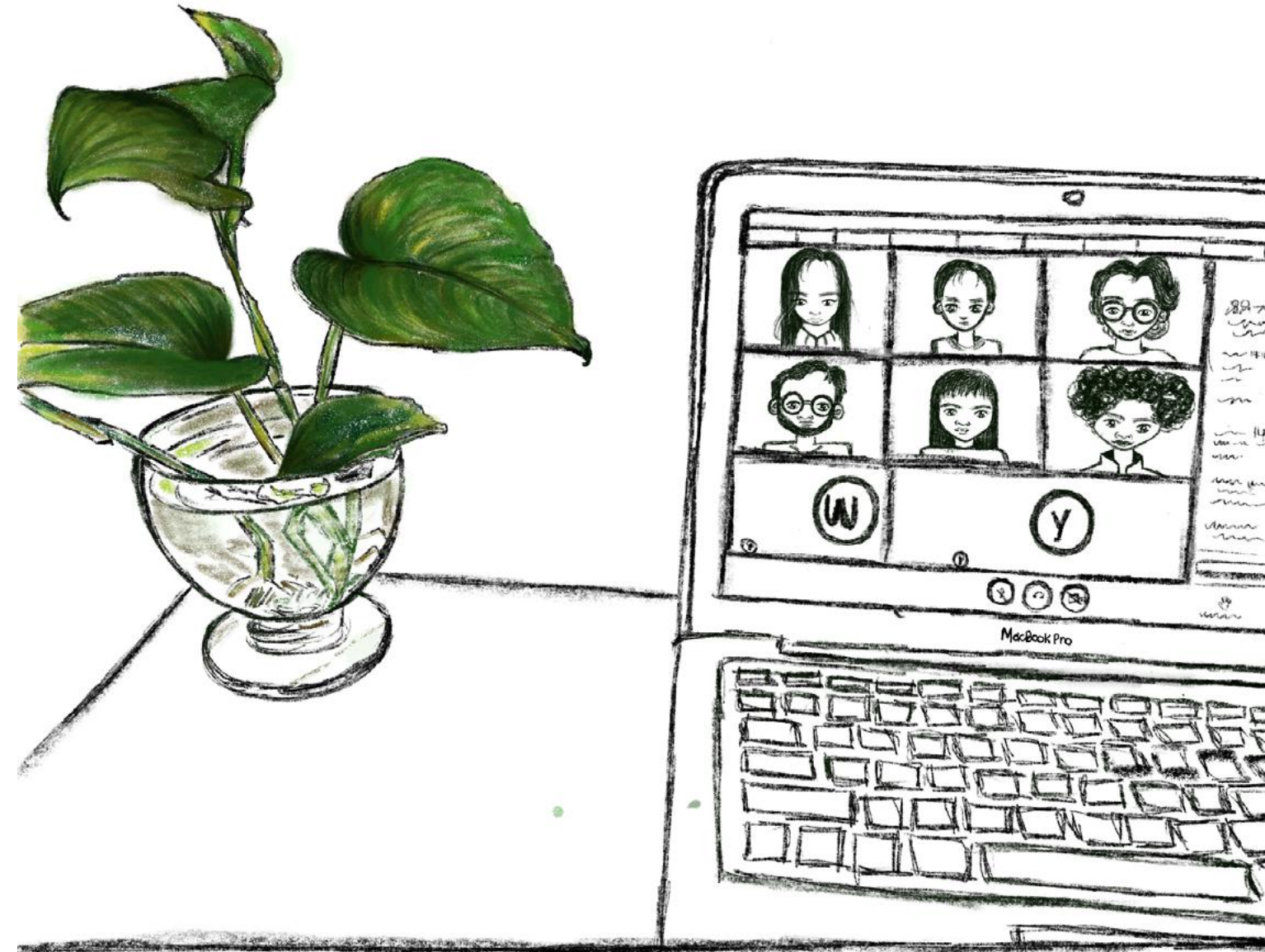
Daniele Borges Bezerra

O ano de 2020 não foi fácil, 2021 não está sendo muito melhor. A Pandemia de Covid-19 afetou em cheio nossa ilusão de eternidade e nossa prepotente pretensão de domínio sobre o planeta (Cf. KRENAK, 2019)¹. A alteração brutal de nossa forma de relação com a morte, posta em marcha pela pandemia, não afeta a todas/os da mesma forma. Vemos pessoas sofrendo, em pânico, e pessoas que negam as muitas versões dessa realidade. Pessoas apáticas, outras violentas, pessoas com fome e pessoas violentadas. Pessoas que não podem ou não puderam se despedir. Pessoas que lutam na “linha de frente” e pessoas que perderam a vida nessa batalha². Pessoas que exercem o distanciamento social como forma de cuidado e pessoas que limitam o teor político da palavra liberdade, quando recusam-se a aderir às medidas restritivas — tanto aquelas relacionadas à mobilidade urbana, quanto à abertura do comércio não essencial. Fatalmente, como infeliz consequência, as pessoas cujas vidas foram interrompidas.

Nossa relação com o tempo e o espaço também se alteram drasticamente. Surgem outras formas de deslocamento e comunicação. A internet, *World Wide Web* (www), proporciona novas formas de produção e difusão da informação. Novas subjetividades despontam. É possível nos percebermos como “nós” que constituem uma grande “malha” ou “teia”, como nos propõe Tim Ingold (2012;2013;2015), uma malha constantemente ressemantizada, polifônica e ubíqua, fantasmagórica ao mesmo tempo que instantânea e alternativa (TURKLE, 1997).

¹ O Ministério da saúde define a Covid-19 como “uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global”. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso: 11 de abril de 2021.

² Linha de frente é o termo utilizado em referência à equipe de saúde que atua diretamente no tratamento das vítimas de covid-19.



Este é o ponto de partida deste livro, em direção ao caráter subversivo e libertador da arte e da antropologia audiovisual (PIAULT, 2018). A arte, enquanto potência motora, sempre reagiu ao seu contexto, em estreita ligação com os acontecimentos, aspirações, e com as diversas formas de constituição dos seres humanos. A disciplina antropológica tem sido marcada pela busca do desconhecido, e mesmo que tenha feito uma bruta incursão em busca do exótico, transformou a si mesma enquanto disciplina e fez dessa transformação uma constante. A antropologia audiovisual, então, é paradigmática. Propõe uma nova epistemologia antropológica perpassada por outras formas de acesso, registro, diálogo, interpretação, narração e extroversão do conhecimento que torna-se, cada vez mais, fruto de um processo dialógico. Como a arte, a antropologia é movida pela provocação de novas questões. Cada vez mais somos atraídos pelo desvelamento do que nos parece ser “familiar” (VELHO, 1978), e isso implica em nos percebermos como parte do processo, abandonando a ideia de neutralidade. Nos percebermos implicados nessa nova realidade em que não tomar posição é uma atitude ativa, política, também carregada de efeitos.

É nesse sentido que o projeto *Pandemia de Narrativas: vida em quarentena*, criado em abril de 2020, se constitui enquanto uma narrativa hipertextual, construída a muitas mãos, compondo uma constelação de vivências que possuem ressonâncias coletivas. Uma coleção de imagens (visuais e sonoras) para a memória e para a imaginação, quando imaginar outros futuros possíveis tornou-se uma urgência.

As obras aqui apresentadas são fruto de uma seleção que busca destacar a participação de cada artista, tarefa que será empreendida em mais de um volume. São obras que, ao mesmo tempo em que nos afetam e nos fazem desenvolver reações críticas e empáticas a partir de múltiplos pontos de vista, nos trazem alento, nos conectam, difundem a esperança, narram memórias que ainda estão sendo processadas, ensaiam tempos melhores, mesmo que em contexto distópico³ isso ainda seja de difícil imaginação.

Acredito que a grande potência da reunião destes trabalhos e suas narrativas reside não apenas na intenção de tornar visíveis e audíveis distintas percepções sobre as vivências da pandemia, enquanto “destilação reveladora da experiência” (LORDE, 2019, p. 45), mas em tomarmos essas produções como registros de um processo de elaboração do luto diário e das memórias que se constituem nesse processo.

Portanto, em diálogo com Dora Apel (2002) penso os artistas contemporâneos como ato-

³ A distopia, termo cunhado pelo filósofo John Stuart Mill, pode ser pensada como a antítese da utopia, algo muito ruim para ser vivido e imaginado.

res que, mesmo não vivenciando diretamente as atrocidades por eles representadas, dão testemunho dos efeitos de memória de passados (e de presentes) violentos em suas obras. A coleção constituída no Instagram (@pandemiadenarrativas) com a participação de mais de 250 pessoas, reúne pontos de vista que reagem ao drama da atualidade por meio de estéticas emocionais, demonstrando a importância da atuação em rede e dos engajamentos que se constituem como forma de luta.

São, portanto, narrativas que dão testemunho da violência simbólica e do risco real que acompanha nossas existências no tempo presente. Um registro valioso e pungente ao qual necessitamos retornar muitas vezes se quisermos compreender melhor o período atual. São também fagulhas de futuro libertas de todo e qualquer obscurantismo.

Referências

- APEL, Dora. **Memory Effects: The holocaust and the art of secondary witnessing**. New Jersey: Rutgers University press, 2002.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 18, n. 37, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ha/v18n37/a02v18n37.pdf>>. Acesso em 28 de nov. de 2020.
- INGOLD, Tim. Repensando o animado, reanimando o pensamento. **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre. V. 7, n.2, jul/dez, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/43552>
- INGOLD, Tim. **Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras: São Paulo, 2019.
- LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- PIAULT, Marc. **Antropologia e cinema: passagem à imagem, passagem pela imagem**. São Paulo: Unifesp, 2018.
- TURKLE, Sherry. **Life on the screen: identity in the age of the internet**. Nova York: Touchstone, 1995.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Édson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

Por uma política dos afetos: narrativas em rede

Daniele Borges Bezerra

Entra dia, sai dia e tenho a sensação de que as mesmas notícias se repetem. Responder a uma pergunta banal do tipo: “como você está” perdeu seu automatismo. Percebo meu condicionamento ao imperativo de estar sempre bem, ativa, positiva, combativa, produtiva. Mas não é bem assim. Parece que, desde o início da pandemia, me tornei cada vez mais anestesiada diante de tanto horror, sofrimento e impotência. Tomo a liberdade de incluir outras pessoas a essa “conversa”, referindo-me a essa experiência no plural, por saber que não apenas eu sou desafiada diariamente a seguir com a rotina, a conservar a sanidade física e mental, a movimentar a economia, a consumir e ser consumida. Muitas/os de nós desenvolvemos estratégias de enfrentamento, formas de expressar, de relaxar e, até mesmo, de escapar de pensamentos pessimistas que nos invadem. Mesmo assim, a realidade oprime. A vida humana segue continuamente em risco, numa situação com desfecho imprevisível. O medo intermitente, a morte à espreita.

Em um país como o Brasil, em que milhões de pessoas precisam continuar suas jornadas laborativas, a busca pela sobrevivência se manifesta de formas distintas. Enquanto para uns o distanciamento físico e social é um tipo de cuidado, para outros a necessidade de estar na rua “a trabalho” é imperativa. As desigualdades econômicas, raciais e de gênero nunca foram tão evidentes. E, ainda, há pessoas que negam a mortalidade do vírus enquanto outras exprimem uma postura do tipo: “quem está na chuva é pra se molhar”. Ao que parece, as condutas negacionistas são guiadas por algum tipo de “delírio” (anti)heróico, místico, que atribui aos corpos um caráter blindado. Em paralelo às posturas negacionistas, dissipam-se emoções como o medo, o pânico e o sofrimento imensurável associado às vítimas e aos seus familiares. Tenho a impressão de que estamos num “barco à deriva” e essa sensação tornou-se quase onipresente.

A palavra “distopia” se popularizou e comparações com o cenário de *The Walking Dead*, a história em quadrinhos que virou série televisiva, tornaram-se uma forma de significar esse momento difícil de assimilar. Digo com frequência que vivemos um pandemônio e a capacidade

de “imaginar” _ como lembra DURAND (1993)_ futuros alternativos, às vezes, me parece limitada. As políticas de enfrentamento dessa crise sanitária, econômica e social são insuficientes, morosas e até absurdas. Basta pensar no “auxílio emergencial”¹ do governo, promovido pela *hashtag* #issoécidadania, que destina valores que vão de R\$ 150 (cento e cinquenta reais) a R\$ 375 (trezentos e setenta e cinco reais) pagos mensalmente durante 4 (quatro) meses.

A situação atual da crise no país fez crescer a circulação de expressões como “desgoverno” e “necropolítica”, termos que evidenciam uma determinada consciência sobre o presente, em choque com a conduta incrédula de boa parte da população. Refiro-me à postura de pessoas que fazem passeatas contra iniciativas de *lockdown*, a favor da reabertura do comércio, em períodos de colapso hospitalar.

Em meio a isso não é difícil perceber que, apesar da fragilidade das sensibilidades e da própria vida, discursos de ódio seguem se multiplicando. O que elucida a gravidade da dissonância política no país, que só faz acirrar a crise sanitária. Uma crise que, a meu ver, é acima de tudo humana.

Enquanto isso, recai sobre as equipes de saúde e seus profissionais exaustos, a responsabilidade de tomar as decisões que determinam “quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2003) com base em recursos limitados, numa situação de urgência e de acúmulo em que não há tempo para conhecer as trajetórias de vida ou os sonhos de cada pessoa que precisa de um respirador, por exemplo.

A vida tornou-se desimportante, nos termos do que Giorgio Agamben e Peter Pelbart chamaram de “vida nua” (AGAMBEN, 2007; PELBART, 2007), quando o holocausto era a grande referência para a palavra genocídio. Hoje, século XXI, após tanto avanço no terreno dos direitos humanos, e de tantas iniciativas para preservar as memórias de eventos traumáticos, para que não se repitam, presencio uma reedição da serialização da morte.

O tempo tornou-se insuficiente para a elaboração da vida e da perda. Não há espaço-tempo para o luto. As mortes, diariamente quantificadas, perdem a sua significação individual. Os mortos noticiados na TV tornam-se fantasmagorias que se sobrepõem durante o espaço-tempo limitado da rotina que segue, e quando me “conecto” a eles é tentando interpretar os indicadores de curvas epidemiológicas, que posso vir a compor.

¹ Ver lei nº 13.982, de 2 de abril de 2020; Medida Provisória nº 1.039, de 18 de março de 2021 e Decreto nº 10.661, de 26 de março de 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br>

Desde janeiro de 2020, no Brasil, testemunho a interrupção de milhares de vidas e o que seria “apenas uma gripezinha”²³ tornou-se a expressão do “(des)valor” (PELBART, 2007) atribuído ao ser humano, que deixa de ser produtivo quando morre, mas cuja morte assume o significado de uma “solução” para os problemas sociais do país. Uma política de (des)afetos. Enquanto o Brasil lamenta as suas perdas, o representante público da nação propaga sistematicamente, medidas equivocadas e “lava as mãos” com relação aos diferentes desfechos possíveis da pandemia e suas consequências à saúde individual⁴. O “Brasil não pode parar”!⁵

Além do produtivismo maquínico, a mentalidade higienista e refratária da era moderna retorna com força ao país, mas as decisões políticas me remetem ao cenário medieval em que até o imaginário dos miasmas volta a assombrar. Os corpos são capturados pela lógica do serial e a política do descarte é aplicada na administração da vida e da morte. Os meios de comunicação noticiam quase em tempo real, a falta de leitos, as filas à espera de respiradores, o acúmulo de corpos e as valas comuns. E nesse cenário, testemunho o apagamento de milhões de identidades, sem que nem ao menos uma proposta de homenagem digna aos mortos seja elaborada como política de Estado.

Gosto de pensar que temos pares com afinidades comuns. E, sendo assim, que estamos todas/os eticamente implicadas/os por uma dimensão social, afetiva, humana, que requer de nós uma atitude responsável, empática e solidária em direção aos nossos pares. É nessa direção que, em resposta ao silenciamento em curso, vejo surgir muitas formas de resistência em que a arte é figura central. Diante de uma ferida aberta como essa, a arte tem sido refúgio, lugar de devir e (por que não?), de cura. As presenças que participam do Pandemia de Narrativas são elucidativas sobre o papel da arte na elaboração dos traumas individuais e sociais.

²¹ Uma decisão que compete diariamente aos médicos que, com implicações morais, éticas e afetivas, diante de recursos limitados, precisam assumir a responsabilidade de decidir a quem destinar um único respirador, utilizando como critério indícios de longevidade como idade, comorbidades, etc.

³¹ Afirmação feita pelo presidente eleito (nunca irei entender) Jair Bolsonaro no início da pandemia.

⁴¹ Solução aventada por Jair Bolsonaro em 1999 quando afirmou que uma vez eleito “daria o golpe no mesmo dia”, além de defender que uma guerra civil “matando uns 30 mil” resolveria a crise social do país. Assistir ao vídeo aqui: https://www.youtube.com/watch?v=EIBQbueU0tQ&ab_channel=Teledespertador

⁵¹ Veja o vídeo da campanha lançada em março de 2020: https://www.youtube.com/watch?v=hQQZE7LQI-Gk&ab_channel=Migalhas. A sua disseminação foi proibida pelo Ministério Público no mesmo ano. Veja a notícia publicada pela página do G1, a seguir: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/28/juiza-do-rio-proibe-governo-federal-de-veicular-campanha-publicitaria-o-brasil-nao-pode-parar.ghtml>

A arte constitui-se enquanto meio de confrontar, processar e narrar as inúmeras perdas, objetivas e subjetivas⁶ com que a pandemia nos afeta. Aqui refiro-me tanto às mortes orgânicas quanto às mortes simbólicas que ocorrem diariamente quando nossos ideais de normalidade se chocam com a realidade. As obras apresentadas nessa sessão dialogam diretamente com essa temática e evidenciam o quanto o ato poético é significativo para fazer pensar as questões do seu tempo.

(Des)afeto sem limites



Alice Dotte, coletivo Narrativas Possíveis, Sem título (2020).

⁶¹ Refiro-me tanto às mortes orgânicas quanto às mortes simbólicas que ameaçam nosso ideal de humanidade. Um pouco de nós se esvai a cada morte.

É impossível pensar a pandemia sem a percepção de um jogo de forças e de decisões determinados por uma política do adoecimento e do extermínio. Desde as primeiras medidas tomadas em relação à infecção causada pelo novo coronavírus, o presidente eleito criticou as medidas profiláticas sugeridas, defendendo a imunização de rebanho por exposição direta ao vírus. Orquestrou protestos em todo o país, estimulando a aglomeração e ampliando as possibilidades de difusão do vírus. Promoveu uma verdadeira campanha contra o uso das máscaras. Foi combativo em relação ao que chamou de “mi mi mi”, e não tomou medidas de combate ao vírus embasadas em evidências científicas. Pelo contrário, tentou descredibilizar a vacina, pouco antes da aprovação da mesma pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). E além do mais, demonstrou seu desconhecimento com relação à reincidência de Covid-19 em pessoas já infectadas, isso sem falar nas variantes, as novas cepas, que a essa altura nem se mencionava. Destaco o trecho de um de seus pronunciamentos públicos, abaixo:

A vacina vai ser extensiva a todos. Que queiram tomá-la! Eu não vou tomar. Alguns falam que eu to dando péssimo exemplo. O imbecil, o idiota que tá dizendo do péssimo exemplo: eu já tive o vírus. Eu já tenho anticorpos. [...] Lá na... a Pfizer não se responsabiliza por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré é problema de vocês!⁷

Infelizmente, ao contrário do que nos foi anunciado em rede nacional, como “apenas uma gripezinha” a pandemia de Covid-19 tem demonstrado seu poder e efeitos devastadores levando à morte cerca de 3 mil⁸ pessoas, diariamente. Uma situação de difícil assimilação, difícil de ser imaginada, embora persistente e constantemente presente.

Não por acaso, a arte tornou-se protagonista nesta proposta de criação de uma *pandemia de narrativas*. Acredito que o ato poético proporcione formas de imaginar caminhos alternativos àqueles experimentados por nós em nossa relação com o (no) mundo. Se a capacidade de assimilar os eventos dolorosos está relacionada a nossa capacidade de imaginar, precisamos dar forma e ressignificar as vivências perturbadoras que nos afligem diariamente.

Precisamos de imagens melhores para a memória e a imaginação, mas também não podemos esquecer o que essa pandemia representa. Nesse sentido, a matemática é uma abstração.

⁷ “Se tomar vacina e virar jacaré [...]”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8&ab_channel=UOL Janeiro de 2021.

⁸ 3 milhões de mortes no mundo, 350 mil no Brasil atingindo o pico de 4190 mortes em 24 horas no dia Abril de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/08/com-4190-mortes-por-covid-19-em-24-horas-brasil-tem-segundo-pior-dia-na-pandemia.ghtml>

Quantos universos cabem em cada uma das vidas interrompidas?

No início do século passado, em sua primeira aula no curso de poética, Paul Valéry (1937) afirmou que a desordem e o desconhecido nos levam à produção de algo inteiramente novo. Da mesma forma, o Caos na mitologia grega é fonte de criação. Neste momento, em que a própria vida é posta em quarentena, quero acreditar que a arte nos possibilita imaginar “apesar de tudo” (DIDI-HUBERMAN, 2003), não apenas o que nos trouxe até aqui, mas, sobretudo, o que é possível mudar a partir disso para que outros futuros sejam gerados.

A arte, enquanto potência política e afetiva, pode ser entendida como “[...] uma linha de fuga que se apoia em impossibilidades, mas para constituir algo que não é resistência [rea-gindo a algo dado], e sim abertura” como possibilidade de transformação (SAUVAGNARGUES, 2020, p.12). É nessa direção que gosto de pensar que a dimensão política dos afetos está imbricada numa crença partilhada e em nossa capacidade de transcriar as experiências. E quando falo em transcrição quero dizer: criar de outra forma; criar para além da forma; extrapolar os limites formais da lógica cartesiana; inventar novos mundos. Uma possibilidade de transcendermos a nós mesmos e a nossa percepção de realidade, oferecendo imagens novas para pensar, por meio da imaginação criadora. Pois, como disse Audre Lorde (2019, p.47), “a poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade.”

Uma política dos afetos não poderia ser pensada, portanto, sem a consciência da constante implicação da sensibilidade em nossas tomadas de posição, diante das diferentes situações da vida e, por que não, sobre as nossas formas de narrar. As afecções, enquanto percepção, mediam nossas relações com o (no) mundo e, apesar disso, estamos quase sempre dispostas/os a silenciar nossos afetos como se precisássemos nos adaptar, docilmente, às ideias que comandam o mundo, sob o risco de vermos nossa estabilidade ilusória e relativa, desmoronar.

Se pensarmos a imaginação a partir da Ética de Espinosa (1987[1677]), podemos afirmar que uma política afetiva transformadora requer a imaginação de novos afetos. Pois, sendo a imaginação capaz de produzir efeitos, individualmente e coletivamente, somos capazes de imaginar e gerar outras formas de existência. De outro modo, “por vivermos dentro de estruturas definidas pelo lucro, por relações de poder unilaterais, pela desumanização institucional, nossos sentimentos não estariam destinados a sobreviver.” (LORDE, 2019, p.47).

É nessa direção que a política afetiva deve ser pensada como determinante de nossos

modos de relação, produção, cuidado e, felizmente, de nossa capacidade de transcriber as experiências, construindo mundos possíveis, quiçá, ressemantizados por abordagens “antropoéticas” (Cf. GHEIRART, 2015) e novas formas de relação.

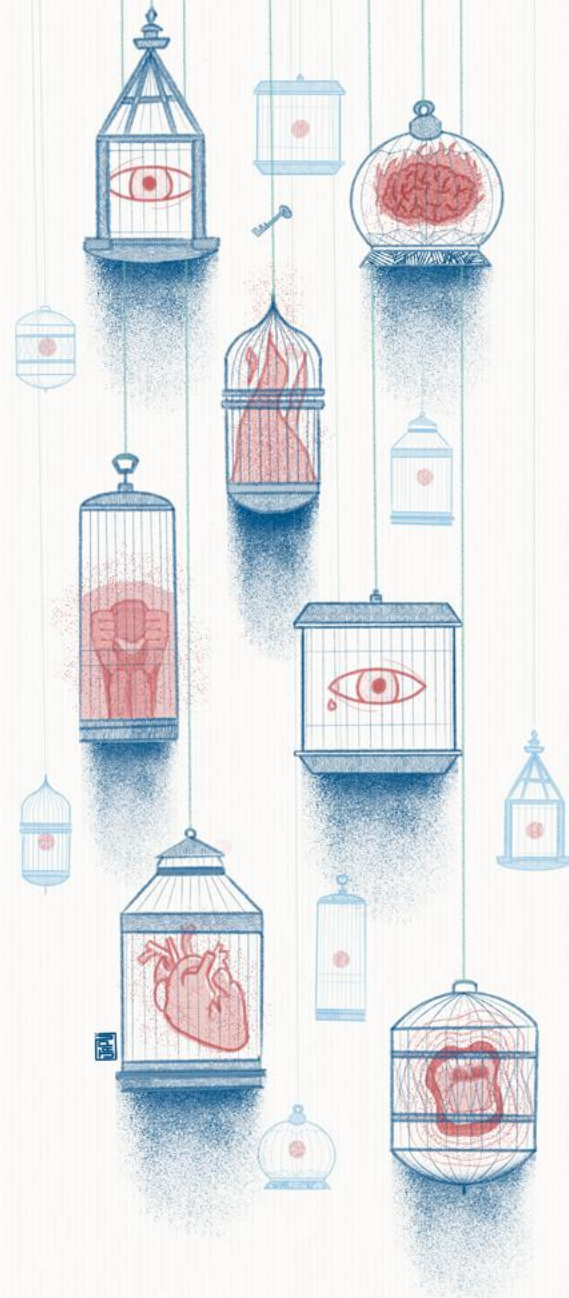
Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: O poder soberano e a vida nua. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Images malgré tout**. Les Éditions de Minuit, 2003.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução: Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1993.
- GHEIRART, Oziel. **O tratado antropoético**. 2015. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- PELBART, Peter Pál. Vida nua, vida besta, uma vida. **Trópico**, p.1-5, 2007.
- SAUVAGNARGUES, Anne In RANIERE, Édio; HACK, Lilian; NEVES, Rosane. “Somos nada mais que imagens” - Entrevista com Anne Sauvagnargues. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 6-29, abr. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2020000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 abr. 2021.
- SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução: Vidal Peña. Madrid: Alianza Editorial, 1987.
- VALÉRY, Paul. Primeira aula do curso de poética. In: **Varietades**. Tradução: Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1937.

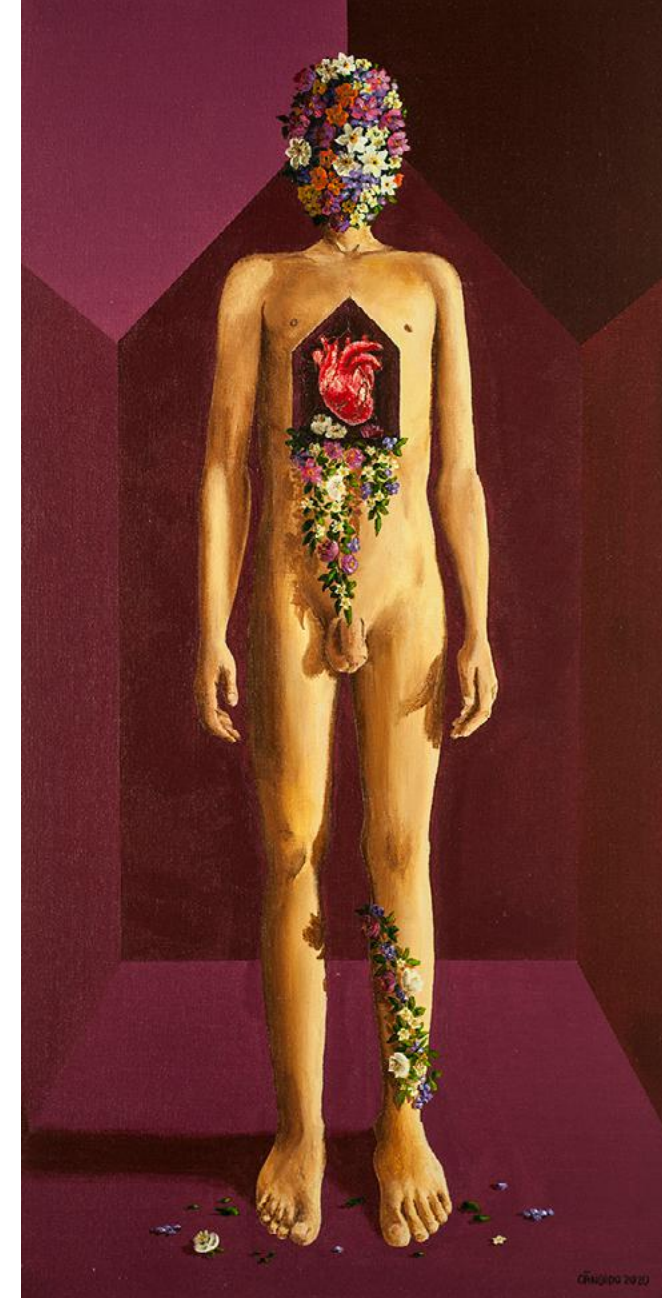


@felucena





Título | Super poderoso?
 Autoria | Júlio André Pasmínio
 Técnica | Ilustração
 Quito | Equador | 2020



Título | [eu sou] Meu Próprio Lar. Série Ensaio Sobre a Casa
 Autoria | Cândido
 Técnica | Acrílico sobre tela
 Ilha de Boipeba | BA | Brasil | 2020



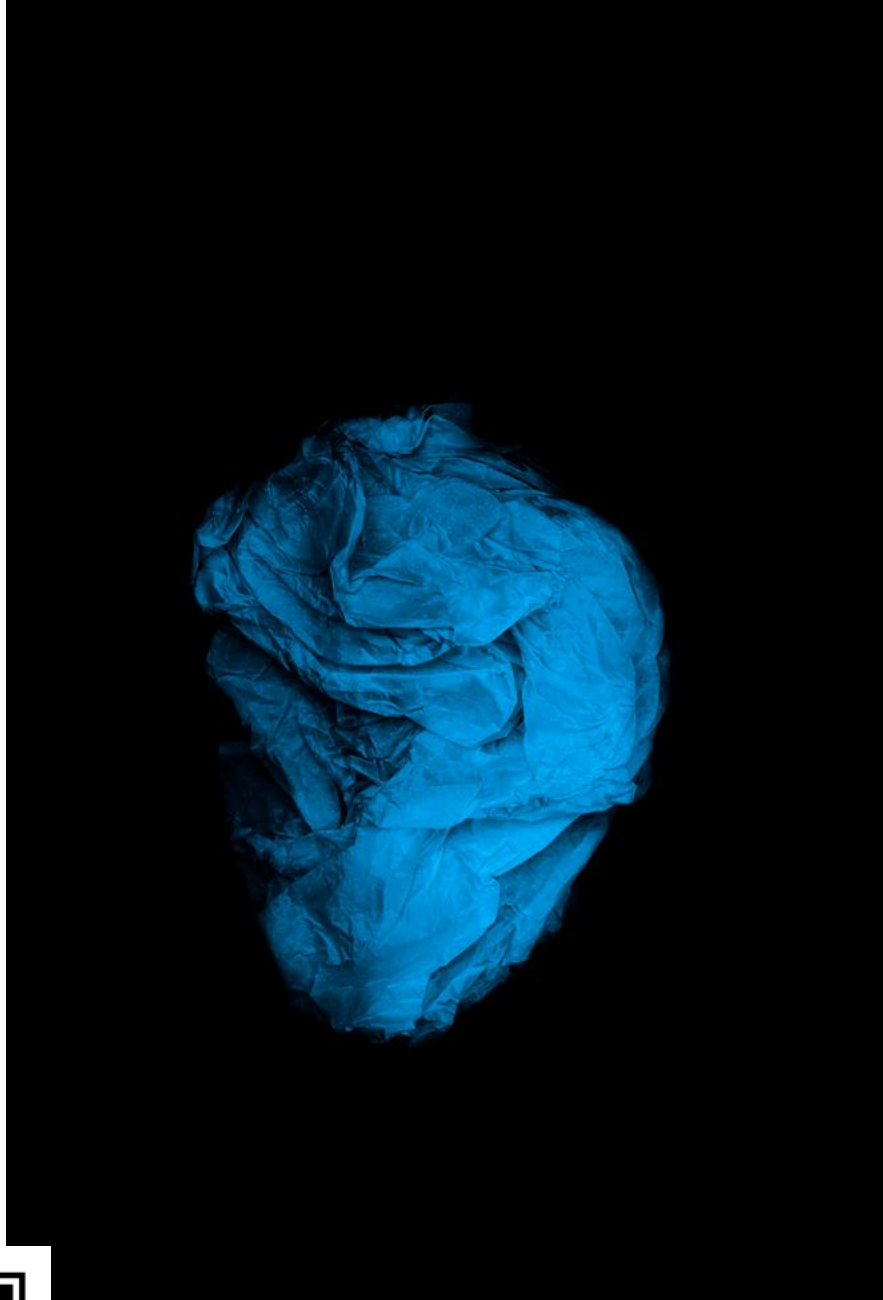


Título | ¡Yaaaaa!
 Autoria | Amastiqué Papel Maché
 Técnica | Bordado e fotoperformance
 México | 2020

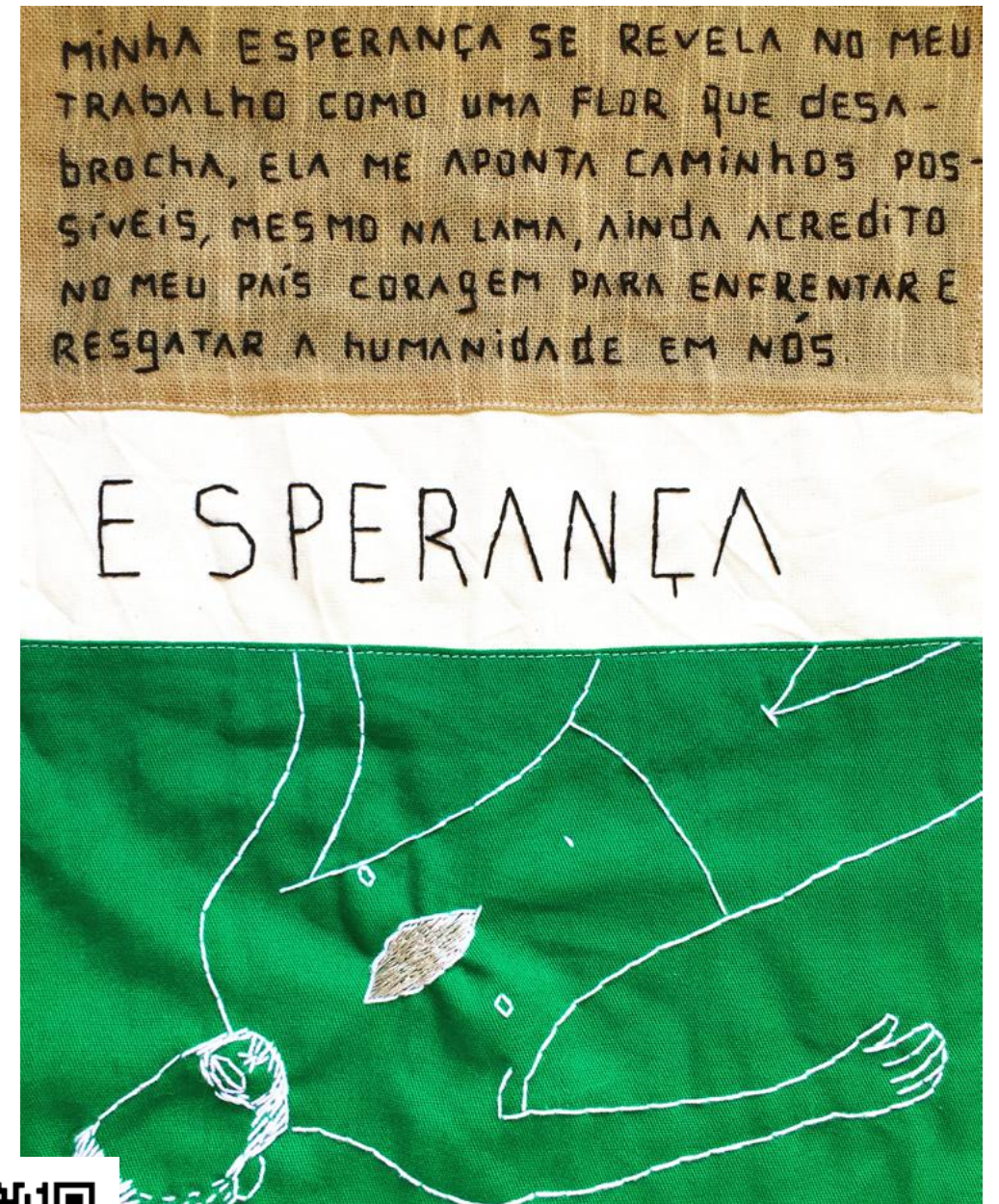


Título | Mãe trabalhadora
 Autoria | Claudia Montoya Cangana
 Técnica | Bordado e estopa têxtil
 Chile | 2020





Título | Coração de papel
 Autoria | Lara Albuquerque
 Técnica | Fotografia digital
 Jaboatão dos Guararapes | PE | Brasil | 2020



Título | Esperança
 Autoria | Felipe Tolentino Ferraz
 Técnica | Bordado sobre brim, linho e algodão cru
 Belo Horizonte | MG | Brasil | 2021



Título | Parábola para o fim do mundo
Autoria | Déia Corazzini
Técnica | Aquarela sobre papel
Florianópolis | SC | Brasil | 2020



Título | Veja-me
Autoria | Susanne Gabler
Técnica | Fotografia
Wismar | Alemanha | 2020

(Fria e seca)
MÃE TERRA

E
N
T
E
R
R
A

seus mortos
a sete palmos
do próprio corpo



Título | Fria e seca
 Autoria | Catharine Gomes
 Técnica | Guache, aquarela e caneta nanquim, sobre canson tingido com café
 São Paulo | SP | Brasil | 2020



Título | Você tem fome de quê?
 Autoria | Beatriz Simionato
 Técnica | Fotografia
 Mogi Guaçu | SP | Brasil | 2020



Título | Máscara Espalhe Sorrisos, Não Germes
 Autoria | Libby Newell
 Técnica | Sorriso de uma revista, bordado e tinta acrílica
 Montanha Lookout | Geórgia | Estados Unidos | 2020



Título | Negacionismo
 Autoria | Natasha Azambuja
 Técnica | Fotografia digital
 Florianópolis | SC | Brasil | 2020



Título | Exercício de Desaparecimento - Ocupando todos os Cantos
 Autoria | Lana Maciel
 Técnica | Fotografia analógica. Dupla exposição
 Campinas | SP | Brasil | 2021



Título | Sala de Jantar o País
 Autoria | Flor Wienke Tavares
 Técnica | Videoperformance
 Pelotas | RS | Brasil | 2020



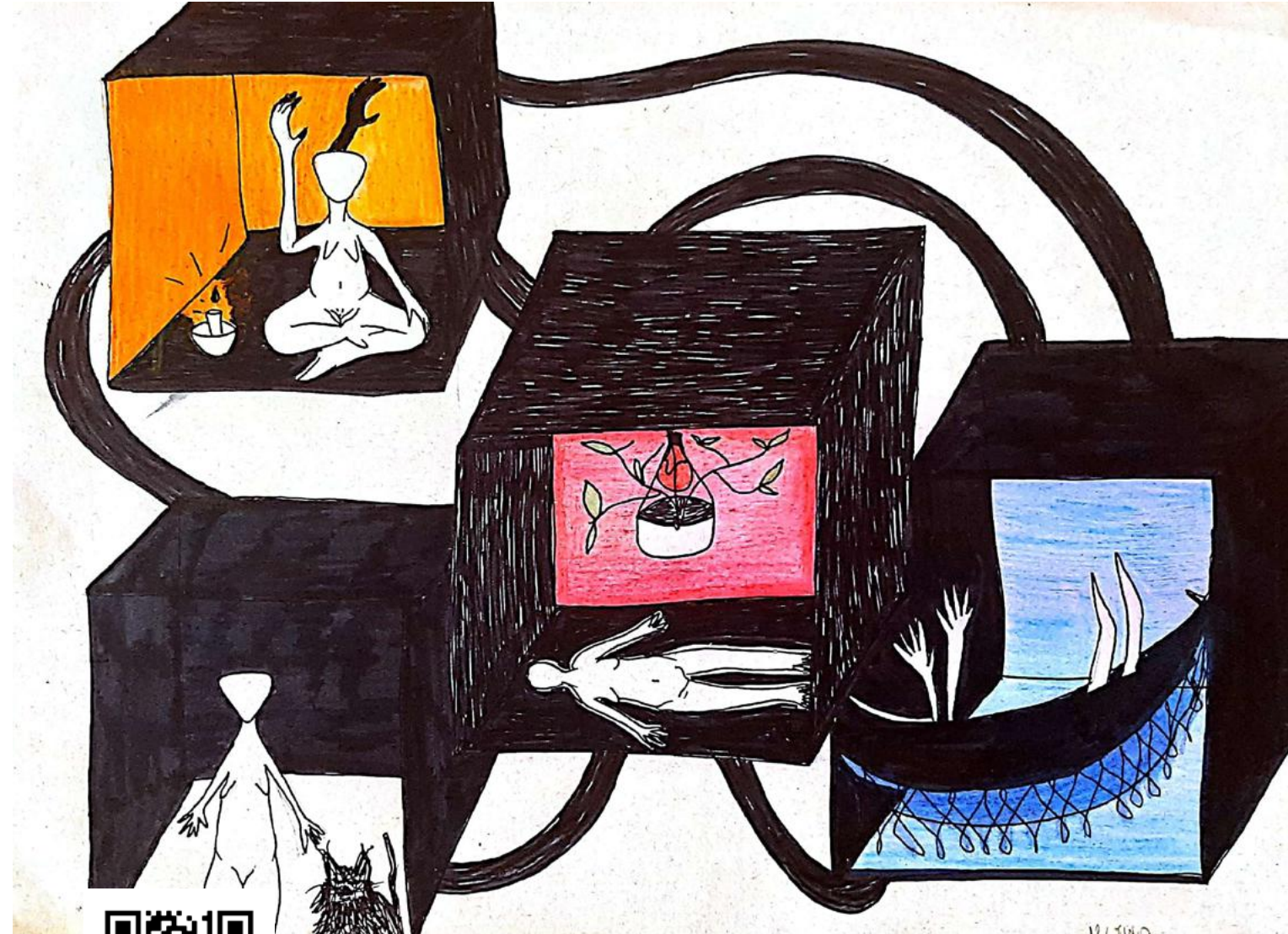
Título | [re] tratos
 Autoria | Renata Malachias
 Técnica | Bordado sobre máscara de algodão
 São Paulo | SP | Brasil | 2020



Título | Lote Covid 19
 Autoria | Gabriela Delcin Pires
 Técnica | Vídeo-arte
 Joinville | SC | Brasil | 2020



Título | Floresta de pé
 Autoria | Denilson Baniwa
 Técnica | Gravura
 Rio Negro | AM | Brasil | 2020



Título | Habitando
 Autoria | Wemi Soares
 Técnica | Desenho
 Pelotas | RS | Brasil | 2020



Título | Abraço
Autoria | Priscila Natany
Técnica | Fotografia digital
São João del-Rei | MG | Brasil | 2020

Um breve atlas da pandemia: retratos da casa-rua

Amanda Dias Winter
Alexsânder Nakaóka Elias

Desde o início da pandemia no nosso país até abril de 2021, o projeto “Pandemia de Narrativas” recebeu trabalhos diversos. Foram contribuições heteróclitas (desenhos, áudios, vídeos, fotografias, performances, poemas, etc.), nas quais as imagens e outras grafias se construíram em suas próprias intenções, a partir de configurações estéticas, organização de elementos e informações particulares. Contudo, as motivações dos colaboradores se transformaram continuamente ao longo deste período.

Podemos pensar que, dentro do contexto “pandemia da Covid-19”, permeando e atravessando mundos e percepções, as imagens expressam não somente realidades próprias, como também experiências compartilhadas. Não se trata, assim, de defini-las como verdadeiras ou falsas, reais ou fictícias, mas como vivências perceptíveis por meio do olhar, dos sentidos e da imaginação, que se cruzam na paisagem pandêmica. No transcorrer do tempo, essas vivências foram expressando diferentes momentos, que aqui nomeamos “Eu-Casa”, “Eu-Nós” e “Eu-Mundo”. Nestas construções narrativas, identificamos continuidades e rupturas permeadas pelas contribuições artísticas reunida neste projeto.

Eu-Casa

Por um curto período, assim como eram as expectativas de duração da pandemia, o início do isolamento apresentou, para algumas pessoas, a possibilidade de autoconhecimento. Mas foi com o prolongamento desse novo regime de convivência que, ao pensarmos em nós-próprios, começamos cada vez mais a sentir falta do outro. A morte se tornou, gradativamente, mais próxima, e a possibilidade de desenvolvimento individual se transformou em tragédia coletiva. Esgotamento físico e mental, fadiga, solidão... As obras recebidas expressam exaustões nas suas mais diversas formas. Os corpos emitem sinais de cansaço: o corpo que produz e o corpo retratado, o corpo esvaziado e o corpo que resiste. Não há possibilidade de separação entre ambos. Ao mesmo tempo

que elaboram a vivência difícil por meio do fazer poético, essas contribuições que alimentam o Instagram são reflexos do contexto da pandemia. A experiência criativa, nessas disrupções e consequentes tentativas de reagrupamentos, gera brechas para a construção de uma nova subjetividade, de uma nova estética, de uma nova percepção individual e coletiva (CAZEAUX, 2017).

Eu-Nós

Mesmo com o desenvolvimento das vacinas, o distanciamento social continuou sendo a principal alternativa de contenção da propagação do vírus. Comércio, escolas e universidades fechadas: quem pode, trabalha de casa e, aos poucos, o espaço vai ficando pequeno, com ar de reclusão. É perceptível uma nova ruptura. Dessa vez, não do cotidiano, e sim das narrativas. Os domínios dos lares são expandidos e somos, finalmente, levados de volta às ruas. É pelas ruas que são sentidos os impactos sociais e econômicos da crise sanitária em andamento. Crise que também é política, haja vista a impossibilidade de separação entre as duas esferas, pandemia e política, uma vez que a primeira contém e está contida na segunda. Esse entrelaçamento cada vez mais justo pode ser visto na mídia, nos dados das pesquisas e está inscrito nas contribuições por nós recebidas no projeto Pandemia de Narrativas.

Os trabalhos acolhidos no início da pandemia demonstram uma dimensão mais próxima de uma realidade presente e imediata de cada pessoa. O espaço da casa aparece como lugar de reclusão e conforto. Ao mesmo tempo em que (re)configura a possibilidade de se abrir (exterioridade), a janela assume um duplo sentido: de respiro e, na direção contrária, de reclusão, claustrofobia. Nela está inserida a possibilidade de acessar o outro, contudo, mantendo a devida posição de retaguarda... Das janelas, coincidentemente camarote e palco, tinha-se acesso a outras formas de existência além de si. É a partir dessa abertura que é formado um panorama do isolamento percebido com a duração prolongada do distanciamento social.

O senso de coletividade nunca esteve tão presente na vida de habitantes das grandes cidades. A aglomeração, uma característica geral de metrópoles em termos de dinâmica urbana, circulação e concentração de pessoas, passa a ser associada à ideia de contágio e perigo. Enquanto “aglomerar” é um ato a se evitar, neste período, dizer “fique em casa!” é duplamente imperativo. Não somente no campo gramatical, mas também como imperativo à vida. Mas, apesar de milhões de pessoas entenderem a seriedade deste momento, o presidente do país reduzia a situação atual a um acontecimento banal. Como se lê no fragmento abaixo:

“Os números, não só da economia, bem como das demais áreas falam por si. Durante o ano que se passou, obviamente, temos momentos de crise. Muito do que tem ali é muito mais fantasia, a questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propaga”.



Os trabalhos produzidos exerceram, portanto, convite para o centro das atividades cotidianas. Bordar, desenhar, pintar e outras ações semelhantes geralmente são executadas individualmente. Nesse sentido, as fiações nos postes foram introduzidas no ato de bordar; os desenhos falam de órgãos internos e regiões íntimas do corpo (com variados conteúdos); as formas do corpo se desenharam, e poesias, que provavelmente ficariam reclusas no âmbito íntimo, foram exibidas. O que há de predominância nas narrativas, neste momento, são interações entre o “eu” e o “nós”.

Nós-Mundo

Com os dias se passando, “estar bem” se dissolveu em muitos outros sentimentos. Explorando novos sentidos, os acontecimentos da vida em quarentena se transformaram aos poucos, passando rapidamente de afecções como esperança para emoções como desespero... Não há vazios de sentimentos, há, sim, inundações e transbordamentos.

“Vocês (produtores, agricultores) não ficaram em casa, não se acovardaram. Nós temos de enfrentar os nossos problemas, chega de frescura e de “mimi-mi”. Vão ficar chorando até quando? Temos de enfrentar os problemas”.



Enquanto presenciávamos a elevação abismal de números de mortes, o representante do Estado brasileiro referia-se às angústias da população e ao cumprimento do distanciamento social como “mimimi¹”, conforme se lê no fragmento acima, o que corresponde a banalização direta da dor.

¹ Termo utilizado popularmente para designar uma situação em que se reclama de tudo, de modo infundado.

O momento que descreveremos se situa no ano de 2021. Não é fácil, mas é preciso fazer esse registro para desenlarmos complicadas redes que articulam os elementos da trágica realidade. A religião surge nas narrativas recebidas, a falta de dinheiro se desloca dos cofres para os pratos, a solidão é ressignificada, o negacionismo vira pauta constante, a lembrança da incerteza do fim da pandemia é corriqueira e aterrorizante. Entretanto, diante de tantos problemas, as questões cotidianas do país não são tão pertinentes para aquele que mais deveria ser, na condição de chefe do poder executivo do Brasil.

Além disso, a frequente deturpação da realidade nos coloca, incrédulos, diante da ascensão de armadilhas sociais. Nas diferentes realidades possíveis no país, seja em áreas urbanas ou não, percebemos que os trabalhos passaram a representar contextos que extrapolam o que a pandemia nos apresentou/apresenta cotidianamente. A complexidade das nossas vidas foi escancarada. Agora, o que faz parte, desde tempos longínquos, está presente em níveis ainda maiores. A fome, a violência e a deterioração da qualidade de vida, questões para nós seculares, desnudaram, ainda mais, a dificuldade de se resolver a desigualdade.

A história do Brasil é repleta de marcas extremas. Nas caminhadas em seus interiores, há muitos registros violentos, sempre tendo pessoas dispostas a contar, mas que, na maioria das vezes, são silenciadas. Ao pararmos para ouvi-las, elas nunca se encerram em si mesmas. O presente histórico brasileiro parece confirmar isso: a matéria, os sentimentos e os olhares para o país sempre nos remetem a todos os passados, em geral, envolvendo sangue e violência. Escravidão, esquartejamentos, prisões desumanas, ditadura militar, secas, fome, misérias, racismos, LGBTfobias, machismos, estupros, torturas, enfim, a condução negacionista da pandemia é mais um registro nesta lista.

Panorama

O tempo da justiça, o tempo político e o tempo das necessidades da população brasileira se distanciam imensamente. Os três poderes perdem, frequentemente, o *timing* de se resolver a situação da maneira mais ética possível. Enquanto, nas redes sociais, exige-se uma melhor condução da pandemia, é nelas mesmas que se difunde um discurso odioso, forjando e distorcendo conceitos como “liberdade”, “direitos” e “necessidades”. O presidente partilha, assim, “informações” que não passam por questionamentos quanto a sua veracidade, formulações validadas por seus séquitos, que ecoam, sem reflexão, seus discursos odiosos. Então, o direito constitucional

à liberdade torna-se objeto de um discurso para desincentivar o distanciamento social, como se lê no fragmento abaixo, uma tentativa de desacreditar as ações recomendadas (e não impostas) pela Saúde Pública.

“Eu jamais mandaria minhas Forças Armadas prender quem quer que seja que estivesse nas ruas. Como chefe do Executivo, jamais vou retirar o direito constitucional de ir e vir, seja qual for, do cidadão brasileiro. Devemos tomar medidas, sim, para evitar a proliferação ou expansão do vírus, mas pelo convencimento e com medidas que não atinjam a liberdade e garantias fundamentais de qualquer pessoa. O excesso não leva à solução do problema, muito pelo contrário, ele vai se agravar, como venho dizendo faz muito tempo”.



Por outro lado, aqueles que convivem de perto com a pandemia - como médicos, enfermeiros, jornalistas, profissionais da segurança pública, pessoas que perderam familiares, além dos profissionais que sepultam esses corpos -, experienciam de dentro tais dilemas, não mais como meros observadores. É perceptível, com o avanço da crise, que tais vivências se multiplicam exponencialmente. A afirmação destas intempéries são veiculadas, principalmente, pela mídia e por ações audiovisuais como o Pandemia de Narrativas, mas também por meio de podcasts, filmes, fotografias, documentários, que demonstram partilhas de diferentes realidades atravessadas.

Diante de um quadro de colapso, as narrativas se movem no plano da própria gravidade. Quanto mais alarmante a circunstância, mais se qualifica um ensaio para reduzir a sociedade brasileira. A gravidade da situação e o discurso de Bolsonaro poderiam ser comparados com a gravidade dos corpos celestes. Quanto mais próximos estão, mais eminente é o colapso. Nesse sentido, o discurso bolsonarista, ao tencionar a realidade do colapso, verifica a possibilidade de alterar a organização social e os parâmetros dela mesma ao sugerir um estado de sítio em tom firme e sublime, quando não é.

A escuta e o olhar fictício, erguidos da realidade, se desenrolam na produção de sensações obscuras. Enquanto a morte é uma dúvida acerca de seu significado, a pandemia apresenta-se de bandeja como realidade para muitos. Nesse sentido, a produção e o pensamento acerca do vazio de outrem se configuram nos atravessamentos de decisões puramente políticas, individualizadas

e segregacionistas. O fato de um médico ter que decidir quais pacientes têm mais chances de sobreviver, confortando alguns em detrimentos de outros na parca e saturada estrutura hospitalar disponível é somente a ponta do *iceberg*. A escolha pela morte é muito anterior, é política, socioeconômica, racista, homofóbica, sendo definida no âmbito da ausência de medidas de contenção do alastramento do vírus e nos cortes nas áreas de saúde e educação pública.

A “América Ladina” (GONZALEZ, 1984), por outro lado, esboçou lampejos de cooperação, talvez muito aquém da união que poderia ser potente para o momento em que atravessamos. Quando o colapso sanitário alcançou o estado do Amazonas, por exemplo, a Venezuela foi um dos países que prontamente ofereceu auxílio, disponibilizando oxigênio utilizado em aparelhos das UTIs. O paradoxo é nítido, uma vez que a força motora majoritária que elegeu o bolsonarismo, colocava/coloca a Venezuela como retrato de um desastre social, associando, falaciosamente, a política do país a um estado comunista.

O que se encontra nesse coletivo de colaborações acolhidas pelo projeto Pandemia de Narrativas é o oposto de um paradoxo. É o reflexo de uma experiência compartilhada e plurívoca que pode ser observada nos momentos descritos: do isolamento inicial, onde os cômodos dos nossos lares eram espaço de refúgio e irrupção criativa, até virar sufocamento, literal e metafórico. De dentro de si e de casa, somos levados às ruas, à revolta, aos gritos de socorro. Os múltiplos momentos vividos durante a pandemia da Covid-19 são um exercício contínuo de olhar para si e ao redor e de projetar, assim, novos mundos.

Referências

- CASEAUX, Clive. **Art, Research, Philosophy**. Oxfordshire, England, UK: Routledge, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, 1984, p. 223-244.
- SANCHES, Mariana. “É muito mais fantasia”, diz Bolsonaro sobre crise nos mercados causada por epidemia de coronavírus. **BBC News Brasil**, 10 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51823908>. Acesso em: 22 dez. 2021.
- SOARES, Ingrid. “Chega de frescura e de mimimi. Vão ficar chorando até quando?”, diz Bolsonaro. **Correio Braziliense**, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/03/4910286-chega-de-frescura-e-de-mimimi--vao-ficar-chorando-ate-quando--diz-bolsonaro.html>. Acesso em: 22 dez. 2021.
- VEIGA, Igor. “Jamais vou cercear o direito de ir e vir dos brasileiros”, afirma Bolsonaro. **O Tempo**, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/coronavirus/jamais-vou-cercear-o-direito-de-ir-e-vir-dos-brasileiros-afirma-bolsonaro-1.2325723>. Acesso em: 22 dez. 2021.



DAQUI, em 2020, acenei PARA VOCÊ





Título | Plantasia
 Autoria | Laura Ferré
 Técnica | Tinta acrílica e pintura digital
 São José do Rio Preto | SP | Brasil | 2020

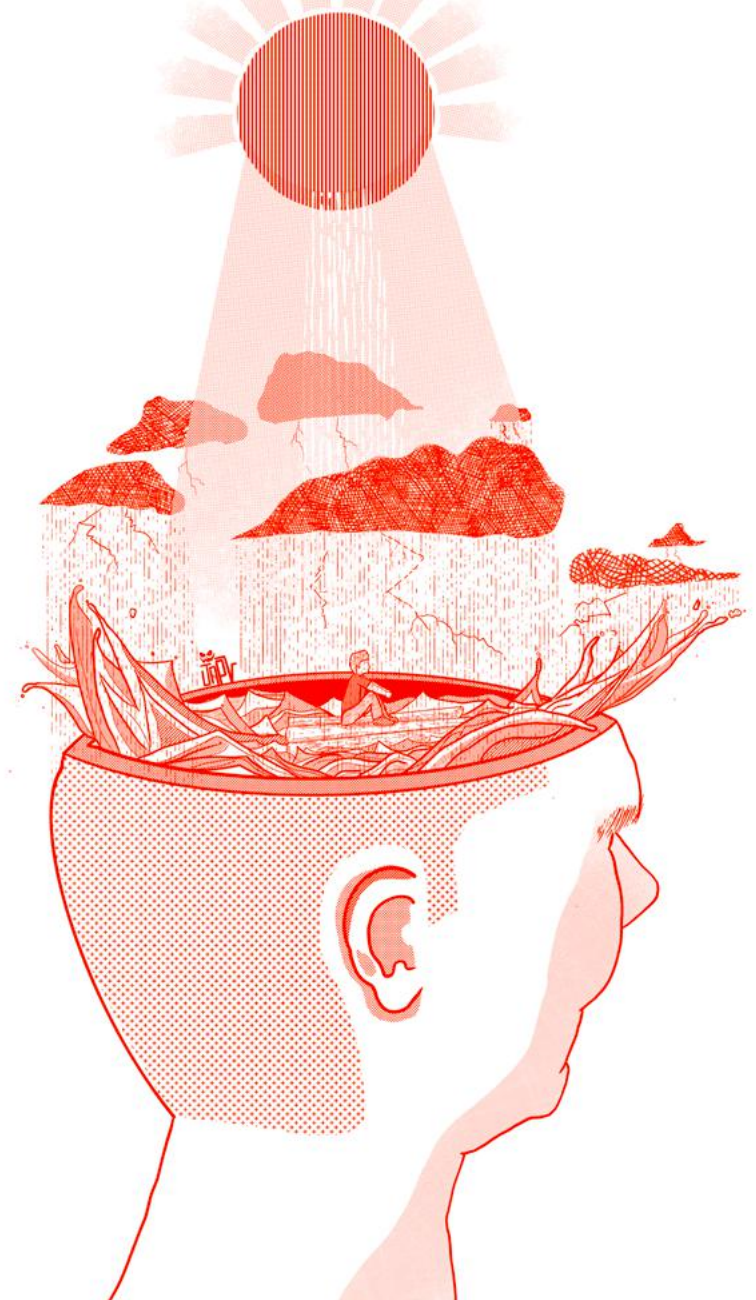


Sem título
 Autoria | Diogo Madeira
 Técnica | Ilustração digital
 Pelotas | RS | Brasil | 2020

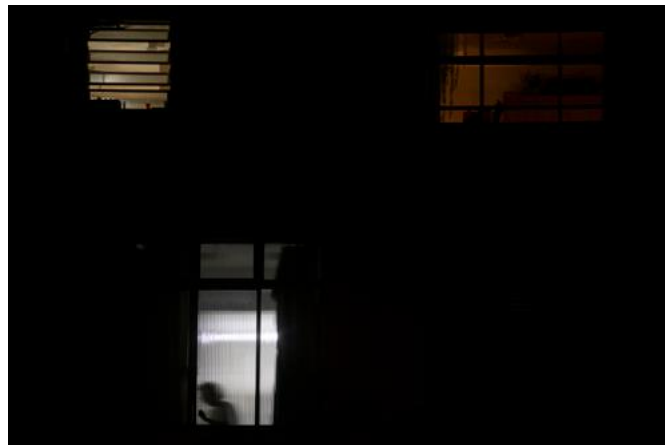
[Pela janela enquadramos uma porção da realidade. Pela janela nos abrimos ou nos fechamos para o mundo.
Uma conexão janela x janela seria uma alternativa para o olho no olho que não cabe neste momento?]



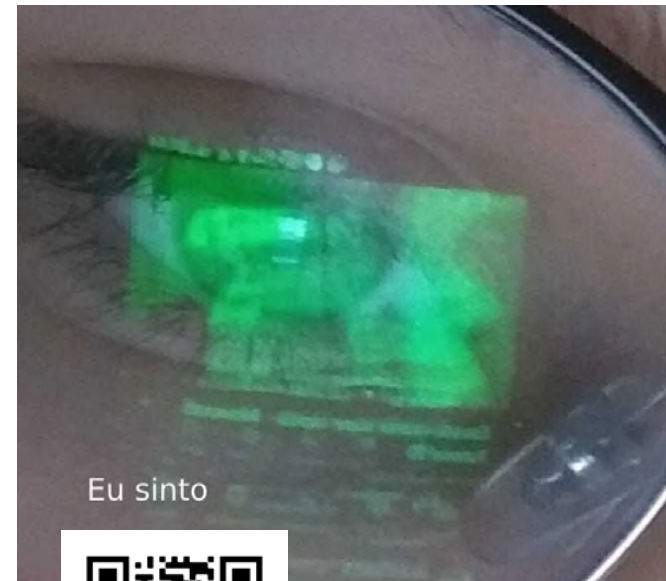
Título | Janelas comunicantes
Autoria | Daniele Borges
Técnica | Fotografia
Pelotas | RS | Brasil | 2020



Título | Eu voltarei
Autoria | Júlío Pasmíño
Técnica | Ilustração
Quito | Equador | 2020



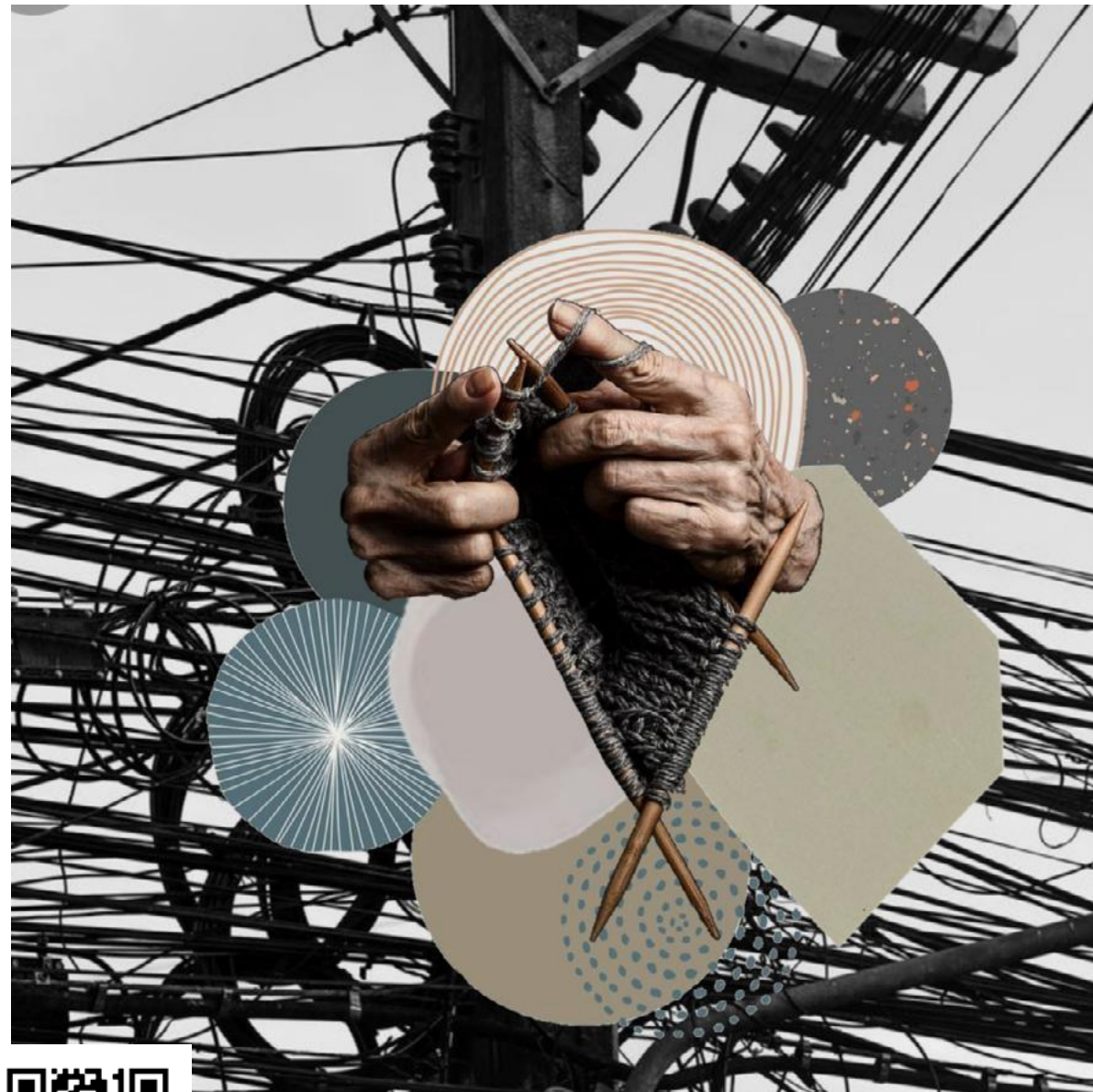
Título | Vizinhança
 Autoria | Lucas Landau
 Técnica | Fotografia
 Rio de Janeiro | RJ | Brasil | 2020



Título | Como ciborgues ou Geração YouTube
 Autoria | Daniele Borges
 Técnica | Fotografia
 Pelotas | RS | Brasil | 2020



Título | Convivência
Autoria | Ana Teixeira
Técnica | Intervenção urbana
São Paulo | SP | Brasil | 2020



Título | Fios
Autoria | Gabriela Pecantet
Técnica | Colagem
Pelotas | RS | Brasil | 2020

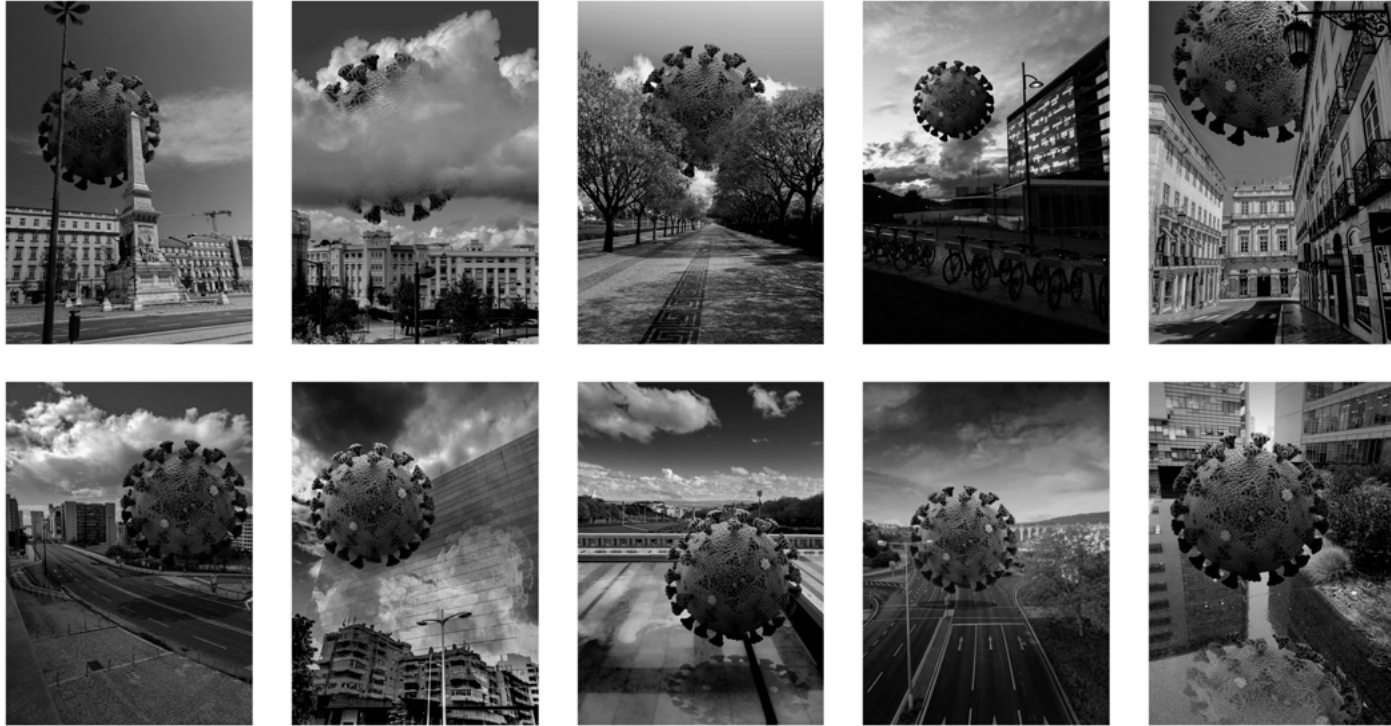


Título | Saudade de existir de perto
 Autoria | Beatriz de Oliveira Soares
 Técnica | Colagem digital
 São Paulo | SP | Brasil | 2020



Sem título
 Autoria | Nayani Real
 Técnica | Desenho digital
 São Paulo | SP | Brasil | 2021

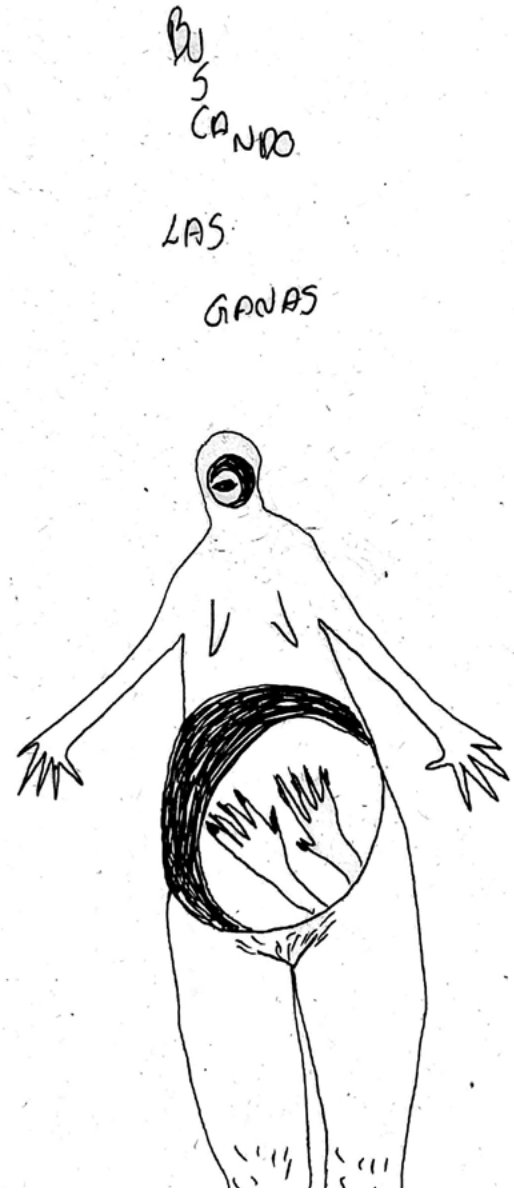




Título | Covid Series 2
 Autoria | Joao Bettencourt Bacelar
 Técnica | Fotografia e colagem digital
 Lisboa | Portugal | 2020



Título | Falta você nesse canto
 Autoria | Priscila Natany
 Técnica | Fotografia Digital
 São João del-Rei | MG | Brasil | 2020

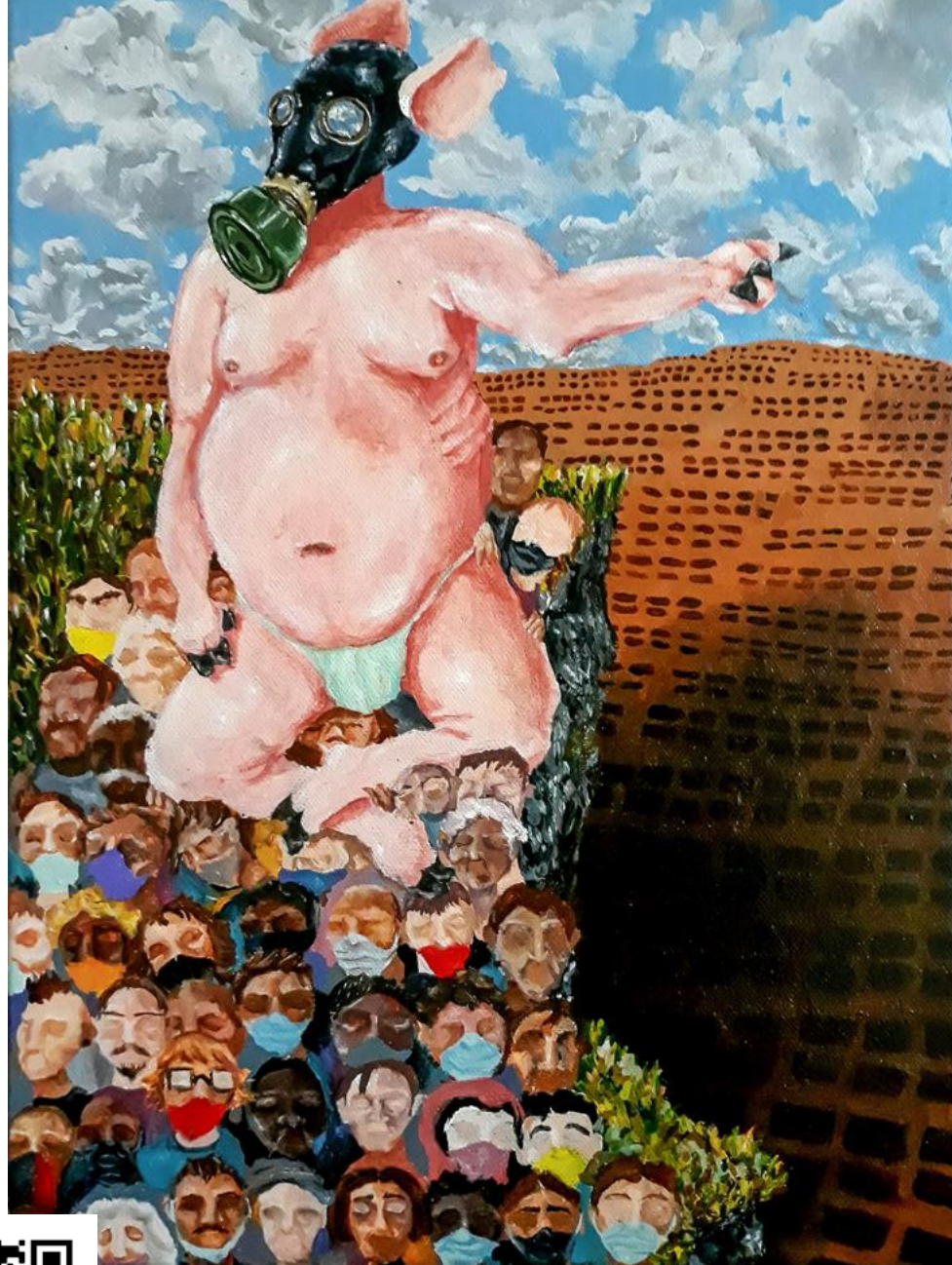


Título | Ganas
 Autoria | Wemi Soares
 Técnica | Desenho
 Pelotas | RS | Brasil | 2020

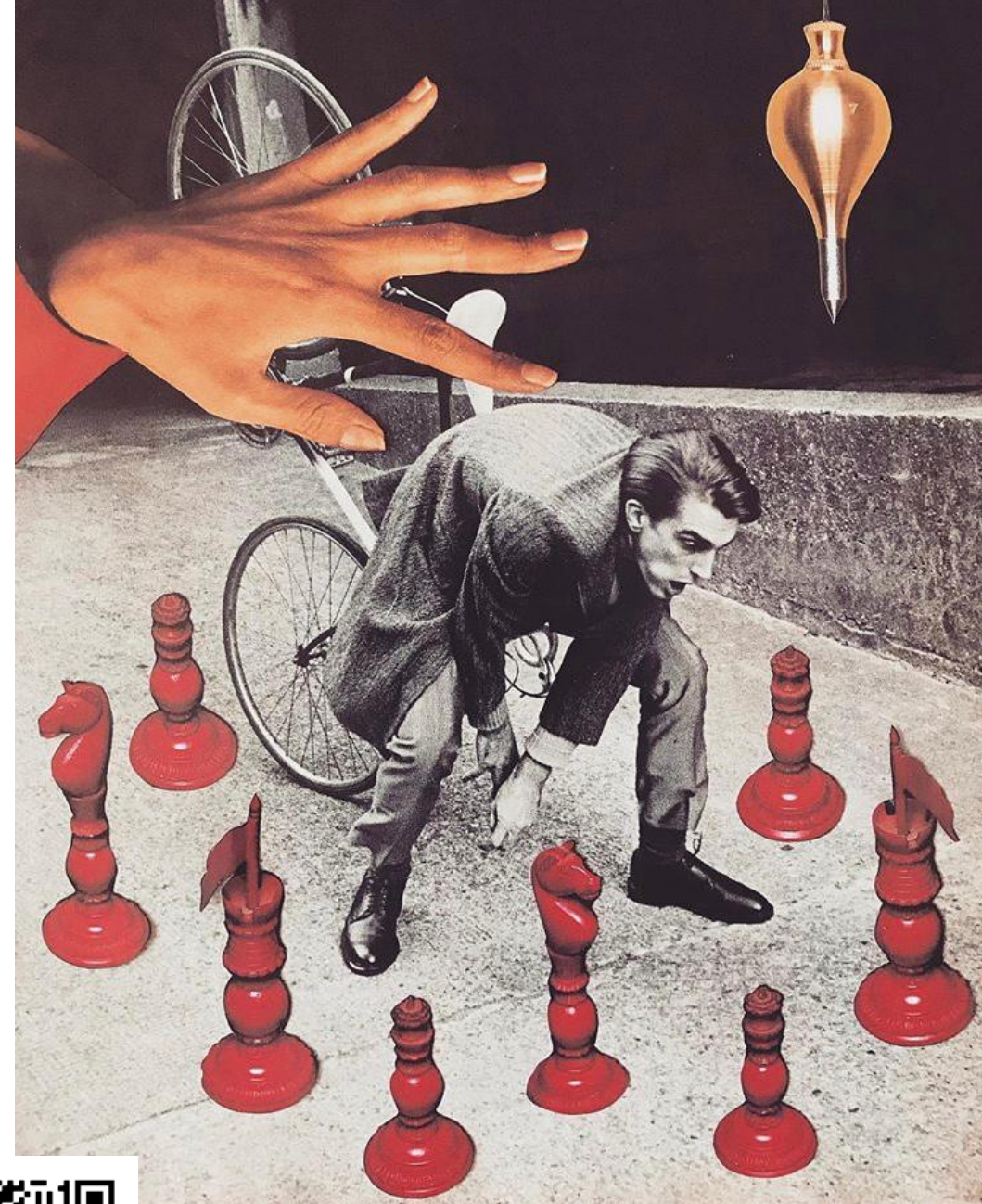
[Bordado feito no dia 20 de novembro de 2020.
 Sobre o assassinato se João Alberto, homem negro, na véspera do dia da consciência negra]



Título | Enquanto houver racismo, não haverá democracia
 Autoria | Lígia Rocha
 Técnica | Bordado
 São Paulo | SP | Brasil | 2020



Título | "Funeral Trincheira"
 Autoria | André Gustavo
 Técnica | Acrílica sobre tela
 Bauru | SP | Brasil | 2020



Título | Colagem 19
 Autoria | Marcelo Isaack
 Técnica | Colagem analógica
 Rio de Janeiro | RJ | Brasil | 2020

[Pequena homenagem às artistas e artesãs que, apesar de tudo, ainda cantam Exercício da oficina de imagem e escrita com Marta Neves.]



Título | Elzanira
 Autoria | Usha Velasco
 Técnica | Apropriação e apagamento de imagem
 Sobradinho | DF | Brasil | 2020



Título | Pátria
 Autoria | Guilherme Fillipe Borba
 Técnica mista sobre tela 50x40
 Palmares | PE | Brasil | 2021

Corpoesia coletiva

Mateus Fernandes da Silva

Durante o processo de escrita deste capítulo tive um sonho onde pude avistar a constelação de touro no céu, formada por estrelas e linhas rosas. Ocorreu um movimento em que a constelação se fundiu e formou um mundo novo. Esse mundo se reduziu significativamente e recaiu à minha frente. Ao se abrir me ofereceu um pouco de seu conteúdo, algo como açúcar, porém nem doce, nem com qualquer gosto. Os sonhos têm sido uma experiência frequente nestes tempos de pandemia.

Este capítulo parte da proposição de uma constelação, onde linhas imaginadas são traçadas entre pessoas, narrativas, grafias e outras coisas, a partir do perfil do @pandemiadenarrativas no Instagram. Numa relação dialética, busco apresentar aquilo que as interações performatizam em conjunto, formando uma grande narrativa. A partir de trechos de narrativas de participantes¹ com as quais me identifico, tomei a liberdade de deixar que esses rastros ditos, escutados, lidos, ganhassem um corpo único, poético e, portanto, coletivo.

De forma a destacar os diferentes agentes para a produção desse pensamento, para além da convergência entre imagens, segundo Gilbert Durand (2019), a ideia de constelação aqui se aproxima da metodologia de rede de Latour (2012). Segundo o autor, uma rede é composta por um conjunto de interações entre atores que transformam um ao outro de forma contínua. No ciberespaço, a agência não é exclusividade humana, mas concerne também os elementos estéticos, as máquinas, os algoritmos, entre outras coisas. A partir de múltiplas associações e transformações, emerge uma rede que ultrapassa as fronteiras entre “realidade” e “virtualidade” – ou deste espaço como uma externalidade (SEGATA, 2016). Estas interações compõem um evento, em que não há uma causação, e representa o que, por vezes, tratamos ou nos referimos enquanto o @pandemiadenarrativas. Nesse sentido, a corpoesia que aqui proponho é a imagem traçada a partir de minha observação desta rede de relações, que compõem um corpo constelar, formado por irradiações de presenças que seguem nos alcançando como as estrelas, emanando sua dura-

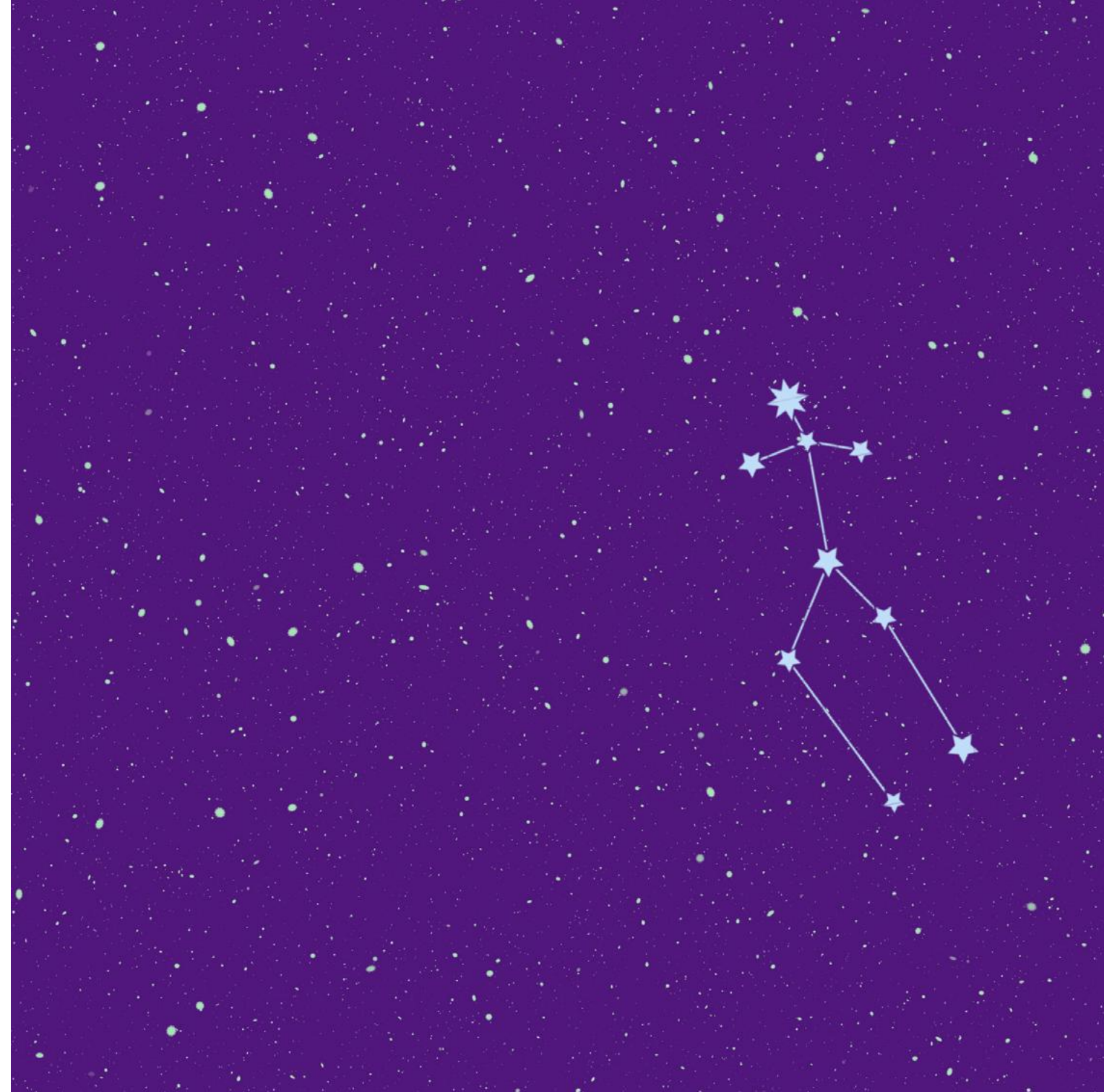
¹ Os nomes dos autores das narrativas acompanham a corpoesia, dando a ver parte dessa trama que também performatiza.

ção em um tempo relativo, saltando como fulgurações.

O corpo, segundo Le Breton (2010), está inserido na trama social de sentidos, mesmo quando há uma ruptura na transparência da relação física com o mundo, como no caso de uma pandemia. Está inserido num contexto social e cultural de onde retira seus elementos simbólicos: desde as próprias noções de si, até a expressão dos sentimentos, a relação com a dor e com o prazer. O @pandemiadenarrativas, tal qual um corpo, reflete os atravessamentos e as marcas da vida em pandemia, a partir de uma relação dialética entre as experiências individuais dos participantes expressas nas diferentes narrativas e suas formas.

Para além do ato de comunicar, percebo a potência do projeto, também, enquanto “um lugar de registro, um lugar de memória, um lugar de inscrições e grafias e portal de alteridades”, conforme a *oralitura* do corpo proposta por Leda Maria Martins (2003). Nesse sentido, é importante pensarmos neste corpo não enquanto espaço, mas como *território* (ALMEIDA, 2021), na medida em que ele guarda as particularidades políticas e veicula ação. Portanto, o ato de falar (ou narrar) e fazer algo é pautado pela ação política, pela afetação, pela contaminação e pelos atravessamentos, como podemos observar nos emaranhados de associações do projeto. Sendo assim, destaco a importância antropológica do projeto em seu caráter ético, político e poético (GHEIRART, 2015).

Ao pensar nas associações dessa rede, esta corpoesia coletiva não tem a pretensão de compreender o @pandemiadenarrativas em sua complexidade, nem reduzir as experiências e as narrativas de cada participante a uma interpretação única e universal. Ela busca traçar pontos de conexão entre as experiências relacionadas à vida em pandemia, fazendo reverência às mais de 5 milhões de pessoas do planeta que perderam suas vidas por conta do vírus, e a todas as vítimas do negacionismo, da política genocida e das violências que se intensificaram sobre determinados grupos sociais (e seus corpos).



A Pandemia **está em toda parte.**
Me avisa quando der pra sair do **casulo.**
 Dessa **prisão do isolamento.**

Esse **corpo-escudo** no tempo,
Envelhecendo,
Sendo Só.
Alma inquietada pela falta de si,
Pela busca de si, pela perda de si
Na vastidão azul de pensamentos.

Como **suportar os baques da vida?**
Nem contamos os dias,
Olhando para o que já se foi,
 Agarrados **nas falésias do tempo...**

Como podes passar o tempo?
 No quintal, de noite,
 Com **um varal de luzes coloridas**
 Ou fazendo **pão** e **bolinho de chuva?**

E quem pouco tem,
 Nem **pão e circo,**
 E **olha para o chão,**
Descalço e despido?



Sei que **a vida acontece no aqui,**
 Mas é **forte esse negócio de viver.**
 Essa **distância evidencia a importância do contato,**
 A **saudade de existir de perto,**
 Além do **Afeto-andróide.**

É tempo de **voltar-se à natureza.**
 Mesmo que seja **inapreensível.**
Cada pétala de flor diz algo,
Cada uma que cai.

É tempo de **ver algo além do sempre visto.**
 Formar **desenhos nas nuvens em movimento.**
Explorar o gestual do corpo.
 Ouvir o **canto do sabiá-laranjeira.**

É tempo de **cultuar o silêncio.**
 Ou, pela falta de **palavras à altura,**
Achar outro jeito de falar.
Usando a arte!

A arte da adaptação,
 Que expressa na **pele um diário gráfico.**
Corpo tela como
Locus de sensações, emoções e afetos,
 De **tramas, tranças e transmissões...**

Referências

- ALMEIDA, Thigresa. Corporalidades (des)localizadas: acionamentos de performance de Pedra Costa. **Revista Poiésis**, 2021, n.38, v.22, p. 279-292.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins fontes, 2019.
- GHEIRART, Oziel. **O tratado antropeético**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2015, 183p.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria, 2003, v.25, p. 55-71.
- SEGATA, Jean. Dos cibernautas às redes. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (orgs.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações, 2016, p. 91-114.



Título | Corpoescudo
 Autoria | Kaisa Andrade
 Técnica | Fotografia digital
 Recife | PE | Brasil | 2020



Título | Fora do controle
 Autoria | Flávia Lise Garcia
 Técnica | Desenho
 Pelotas | RS | Brasil | 2020



Título | Você vai ficar cego
 Autoria | David Salcedo
 Técnica | Montagem fotográfica
 Espanha | 2020





Título | Mulher olhando para o que já se foi
 Autoria | Tamires Rodrigues
 Técnica | Colagem digital
 Pelotas | RS | Brasil | 2020



Sem título
 Autoria | Andrielle M. Pereira
 Técnica | Fotografia
 Candiota | RS | Brasil | 2020



Sem título
 Autoria | André Masson
 Técnica | Colagem mista de analógica e digital
 Camboriú | SC | Brasil | 2020

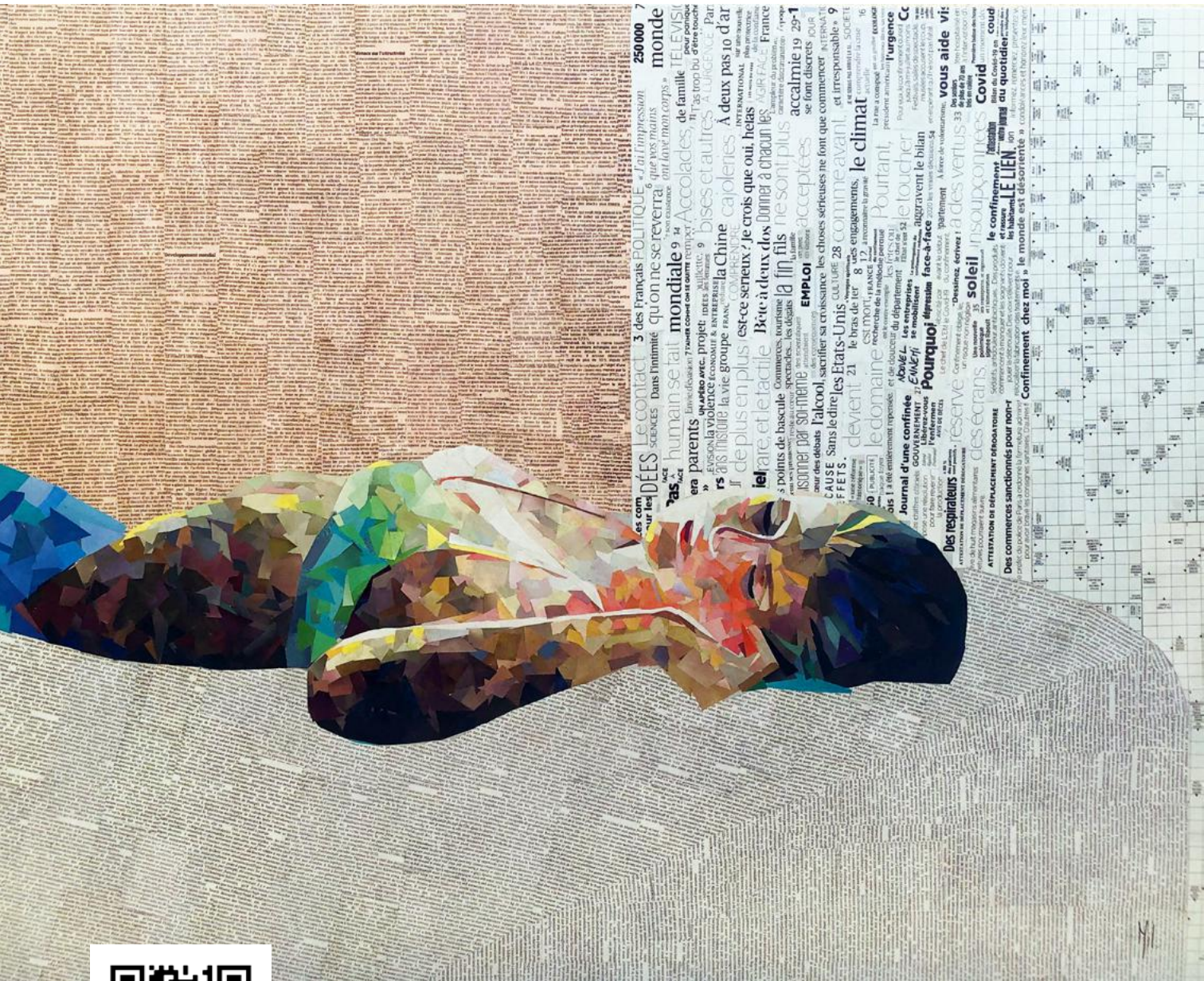


A humanidade...

Um prato que se come cru.



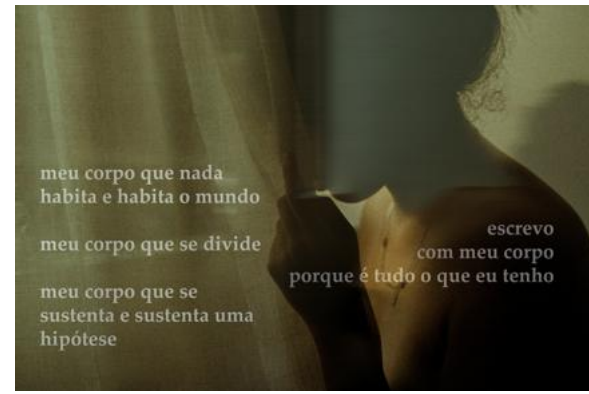
Título | Resistência
 Autoria | Thamara Parteka e Luis Badaró
 Texto | Thamara Parteka
 Ilustração | Luis Badaró
 Técnica | Ilustração com nanquim
 Rondonópolis | MT | Brasil | 2020



Título | Quarentena
 Autoria | Emily Coubard
 Técnica | Colagem de jornal
 França | 2020

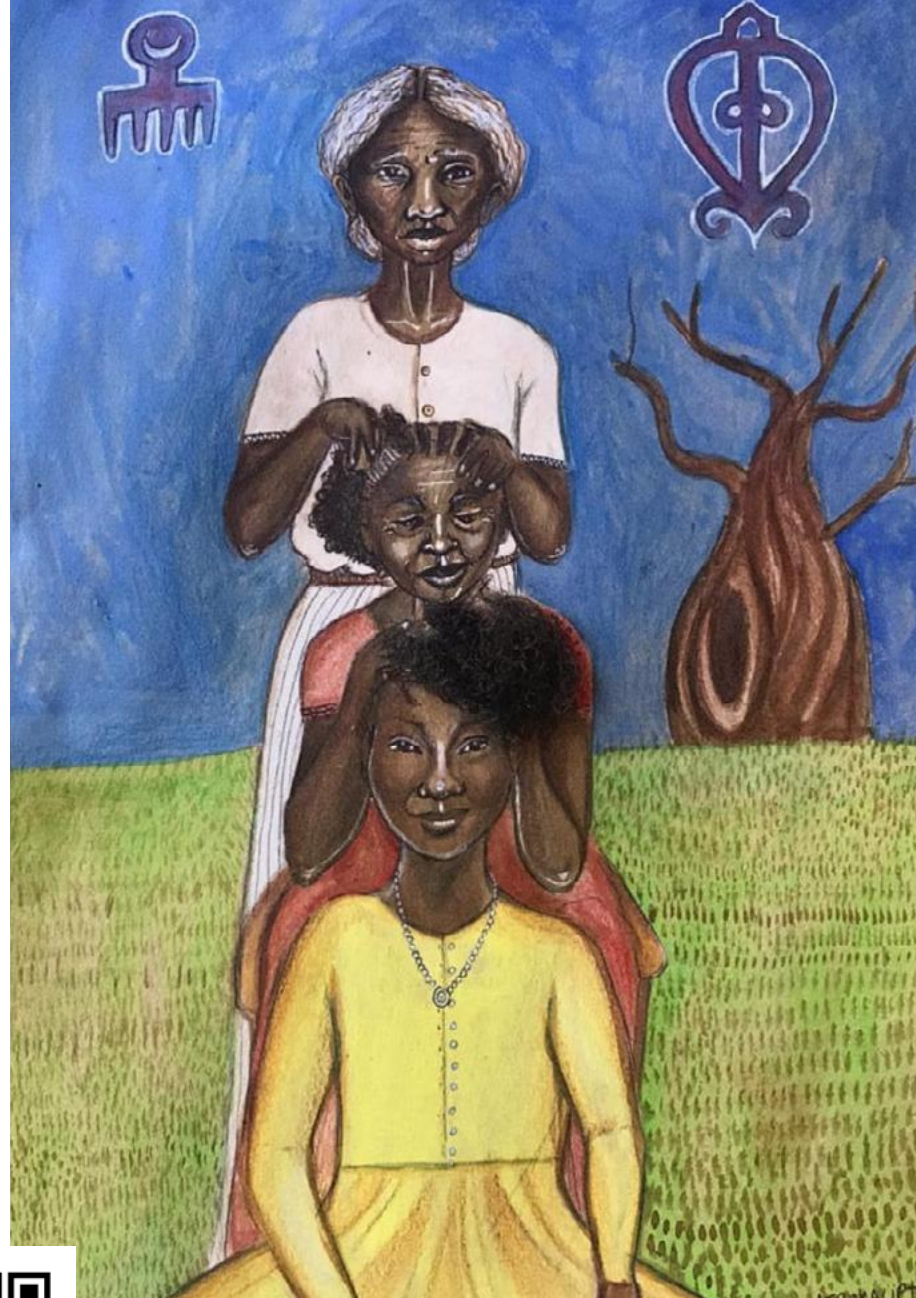


Título | Meu corpo-quarentena
 Autoria | Nathalia Bezerra
 Técnica | Fotografia/montagem
 Maceió | AL | Brasil | 2020





Título | Autorretrato pandêmico
 Autoria | Rafael Dambros
 Técnica | Bordado
 Caxias do Sul | RS | Brasil | 2020

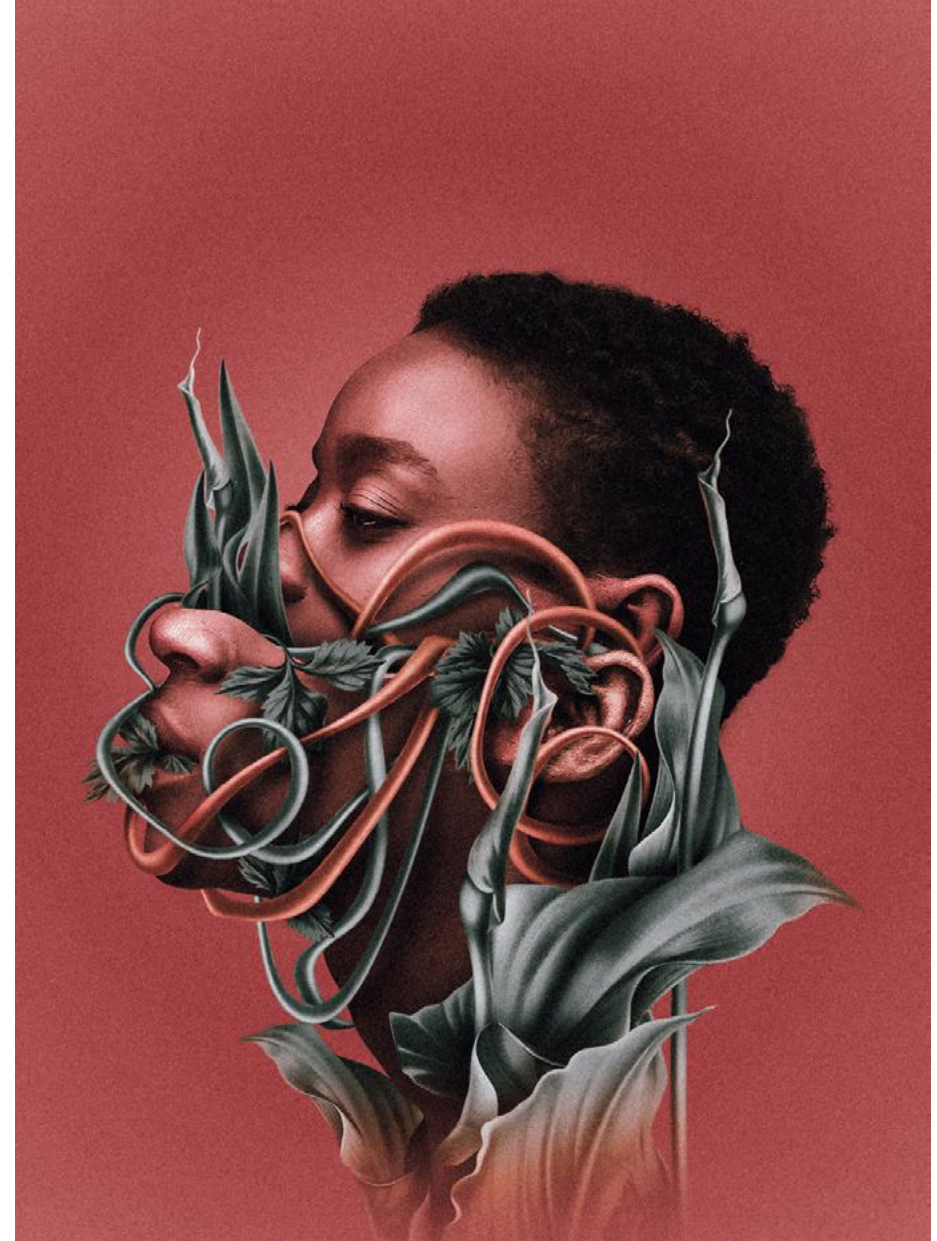


Título | Tramas, tranças e transmissões
 Autoria | Paulo Ferreira
 Técnica | Pintura mista
 São Paulo | SP | Brasil | 2020





Título | A vida de plástico é fantástica?
 Autoria | Maurício Fro
 Técnica | Fotografia de maquiagem artística
 Canoas | RS | Brasil | 2020



Título | Oxígena
 Autoria | Thallys Perilva
 Técnica | Manipulação e colagem digital
 Fotografia e produção | Italo Vinicius
 Modelo | Maria Nzage
 Cubati | PB | Brasil | 2020





Título | Vivendo num mundo de incertezas
 Autoria | Luana Loureiro
 Técnica | Colagem analógica
 São José dos Campos | SP | Brasil | 2021



Título | Outros desertos
 Autoria | Diego Robert
 Técnica | Desenho digital
 Goiânia | GO | Brasil | 2020

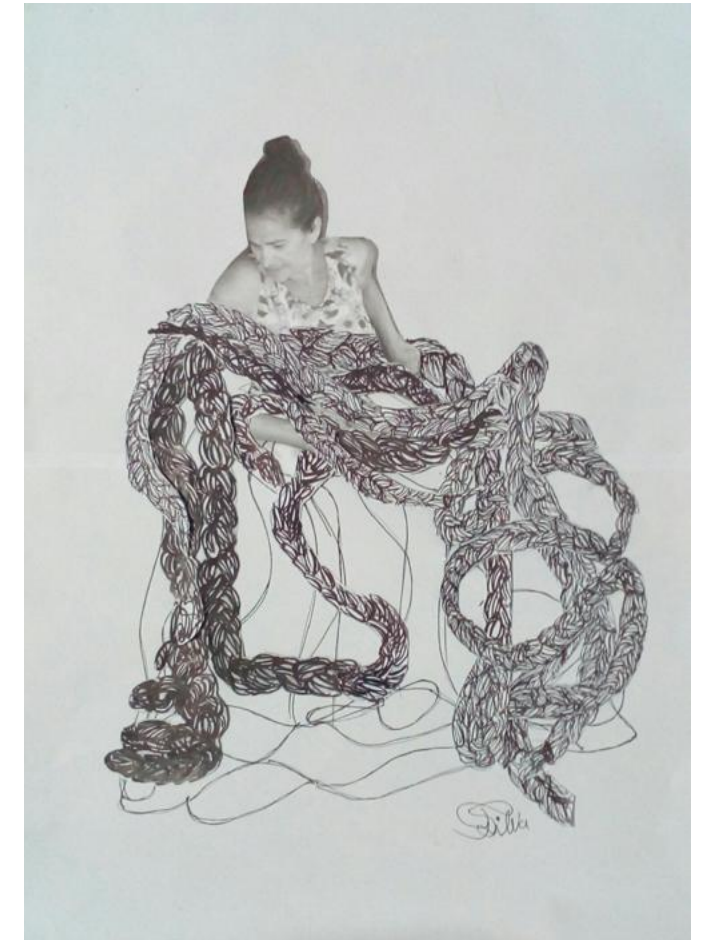




Título | Solistância
 Autoria | Ah - Luna
 Técnica | Aquarela e lápis de cor sobre papel
 Amargosa | BA | Brasil | 2020



Título | Não consigo respirar. Vidas Negras Importam. (Projeto Pietá)
 Autoria | Francis Silva
 Técnica | Colagem
 Pelotas | RS | Brasil



Aterrissando em Porto Alegre, chego por volta das 22h da noite

Chegando na rodoviária, uma mulher e um homem em situação de rua se aproximam do carro. Nós com o vidro fechado, olhamos. A mulher fala comigo aos prantos pedindo comida, dinheiro, qualquer coisa. Eu fico em choque, enquanto o homem fala com o motorista pedindo algo pra comer. O motorista responde que não para os dois. O homem sai, a mulher insiste aos prantos dizendo que queria comida. O motorista parece incomodado, maneja o carro mais para frente para que eu possa sair sem ser incomodada. Enquanto pago o taxista dentro do carro, percebo que a mulher voltou, e a reação dela é chorar mais forte quando olha para o dinheiro. O motorista leva o carro um pouco mais para frente na insistência de não ser perturbado. Desço do carro, levando as bagagens e a mulher me segue, pedindo enquanto chorava.



Título | Episódio 3: (Porto Alegre): Entre Brasil e México: Pandemia em ação
 Autoria | Vitória de Lima e Isadora de Lima
 Relato | Vitória de Lima
 Ilustração | Isadora de Lima
 Técnica | Ilustração e narrativa
 Rio Grande | RS | Brasil | 2020

Corpo Supressão

É, através do meu corpo, que me relaciono com o mundo,
 O corpo que antes de tudo, percebe, sente, movimenta-se e se comunica,
 O corpo que se sente vivo, ao sentir o vento quente e frio,
 Que, rompe as suas relações sociais diante da pandemia,
 Que, mastiga o doce amargo isolamento social,
 E percebe em si, as múltiplas sensações que habitam a carne nesse estado catártico de caos.



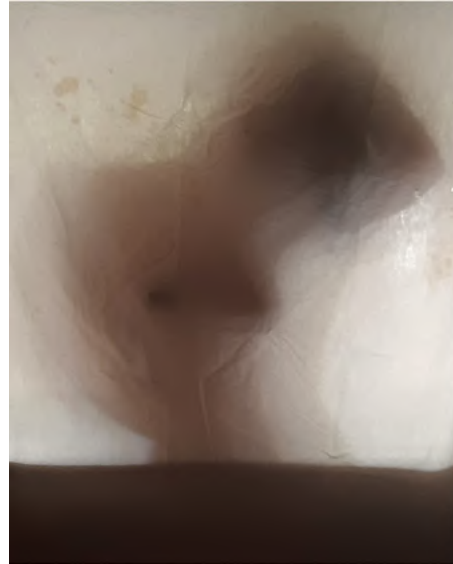
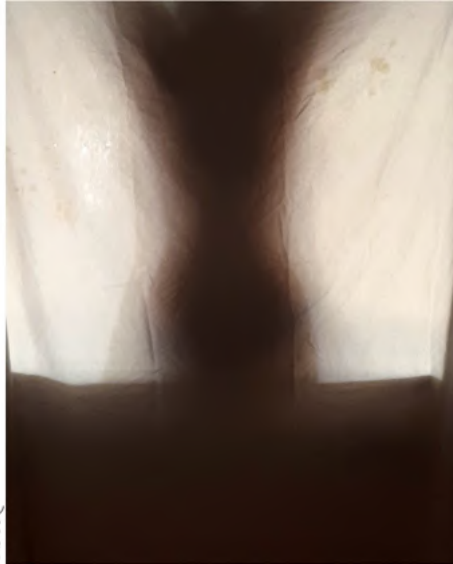
Título | Corpo Supressão
 Autoria | Cássio Guimarães Pereira
 Técnica | Poesia
 Pelotas | RS | Brasil | 2020



Título | Imperceptíveis
 Autoria | Vivian Herzog
 Técnica | Desenho digital
 Pelotas | RS | Brasil | 2020



Título | "Xondaro Ka'aguy Reguá"
 Autoria | MC Kunumí
 Realização | Angry Films @angryfilms
 Direção de fotografia Alexandre Vianna
 Aldeia Indígena Krukutu | SP | Brasil | 2020



Sem título
Autoria | Carol Aragão Barbosa
Fotografia e manipulação digital
Recife | PE | Brasil | 2020



Título | Protoplasma
Autoria | José Menna
Técnica | Pequenas ideias em som
Porto Alegre | RS | Brasil | 2020

As cicatrizes do nosso espaço-tempo: arquivamento e coletivização

Priscila Chagas Oliveira

O que fazer quando a presença da morte está cada dia mais viva? Como projetar futuros possíveis? Como manter a esperança? Como memorializar um período tão traumático e que ainda não passou, perdura? Quais memórias restaram? Como narrá-las?

Essas são apenas algumas das indagações que me acompanharam no decorrer da leitura dessa obra tão forte, intensa e sensível. Por certo cada leitor(a) fará as suas próprias perguntas, terá algumas respostas, ou se sentirá convocado por alguma narrativa. No meu caso, o que me convoca é, ao mesmo tempo, a razão pela qual aceitei escrever essas poucas linhas que me são destinadas: a questão das memórias da dor ou memórias traumáticas, ou seja, o arquivamento, o compartilhamento e a coletivização na Rede¹ e em rede das memórias que chamo *(In)Possíveis*.

O uso do *(In)Possível* com N nasceu no âmbito das reflexões do trabalho do Museu das Memórias *(In)Possíveis*², museu de tipologia virtual vinculado ao Instituto APPOA - clínica, intervenção e pesquisa em psicanálise³ do qual faço parte e que introduz a ideia moebiana de possível e de impossível, ao mesmo tempo. A substituição do M por N foi uma invenção essencial para a transmissão do: “binário possível-impossível, o *(in)*consciente, o *(in)*dizível. Com isso, tentamos enfatizar não o que está em plena luz do dia do nosso tempo, mas as sombras ao redor” (MUSEU das Memórias *(In)Possíveis*, 2021). Assim, além de problematizarmos o que estava dentro *(In)* e fora *(out)* da memória coletiva, o termo, no âmbito do Museu, nos faz pensar sobre a transmissão do recalcado da consciência humana, do impensável, do horror, da crueldade, do

¹ Entende-se por Rede a rede mundial de computadores, ou seja a WWW (World Wide Web).

² Disponível em: <https://museu.appoa.org.br/site/>. Acesso em 27 dez. 2021.

³ Disponível em: https://appoa.org.br/instituto_appoa. Acesso em 27 dez. 2021.

desvio, da morte. Mas não apenas isso, ele nos convoca a refletir sobre todos os possíveis da memória, sobre a imaginação criadora, a expressão dos afetos, das emoções e todo o potencial da intervenção artística na transmissão do difícil. Então, não foi por acaso que decidi recuperar esse termo para me referir às cicatrizes deste tempo-espaço que no @pandemiadenarrativas transformam-se em um patrimônio afetivo (BEZERRA, 2014).

A pandemia balizou uma ruptura abrupta entre os modos de vida, emoções e expectativas da humanidade. Falamos, hoje, de um mundo pré e pós-Covid-19. Pois, como dito antes, os últimos dois anos⁴ deixaram cicatrizes profundas nos corpos, nas subjetividades e no tecido social. Foram sintomas físicos e psicológicos de uma doença sem cura, mas também sintomas políticos e sociais de degradação, impulsionados por um (des)governo descomprometido com o sofrimento de seu povo. São marcas que sinalizam presenças de inúmeras ausências. Contabilizadas nas estatísticas, elas não foram contadas nas suas trajetórias subjetivas. Vida e morte, lado a lado. Medo, ansiedade, pânico, raiva, desamparo, luto(a). Tornamo-nos, todos e todas, vítimas, testemunhas e guardiões(ãs) de uma memória em processo.

Em isolamento social, potencializamos uma socialidade de outra ordem, essa de um tempo-espaço ubíquo da Rede. Muitas plataformas de redes sociais tornaram-se diários de vivências imprevisíveis, obituários, memoriais, museus do Eu, pensados para comunicar com outros tantos, em movimentos similares. Há de se comentar que, infelizmente, as plataformas de redes sociais têm servido à imensa propagação de notícias falsas, como estratégias perversas de governo. No entanto, aqui quero enfatizar a sua função como espaços para a construção e a transmissão de narrativas, na sua maioria artísticas, dando a ver a experiência (BENJAMIN, 1987) compartilhada de uma “vida em quarentena”. *Online*, surgiu em muitas pessoas uma necessidade, quase como um dever, da construção de algo a partir do que sobrevive sob cinzas (DIDI-HUBERMAN, 2012). Do desejo de narrar e não esquecer, do duplo trauma cultural que cerca a vida e a morte dos(as) brasileiros(as) - a pandemia e o governo Bolsonaro: que das cinzas façamos resistência, e da luta, façamos memória! (SOUSA, 2020).

Nesse sentido, percebi que o @pandemiadenarrativas foi criado sincronicamente com outros perfis⁵ para evidenciar presenças que persistem, para narrar, “bradar”, dar sentido a um

⁴ Refiro-me aos anos de 2020 e 2021.

⁵ Para saber mais sobre o estudo destes perfis no *Instagram* veja o artigo: BEZERRA, Daniele Borges; OLIVEIRA, Priscila Chagas. Fenômenos memorialísticos online em tempos de pandemia: entre o registro e a memorialização de um evento traumático. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 10, n. Especial, 2021. p. 93–116. Disponível em:

tempo-espaço tão repleto de sentidos, mas tão difícil de significar. A emergência desses perfis para falar do (*in*)dizível e do (*in*)consciente demonstra uma necessidade, em primeiro lugar, de inscrever, de arquivar o trauma, a memória desta dor que não passa, que dura. Em segundo lugar, evidencia uma vontade de falar de si para os outros, para uma comunidade composta pelos seus, pelos que continuam em casa, os que, apesar de todo discurso imoral anticientífico, continuam seguindo os protocolos sanitários de segurança. São espaços coletivos e colaborativos para se pedir um tempo: “nos deem um tempo para respirar, para chorar, para desabafar!”. Em terceiro lugar, perfis como o @pandemiadenarrativas são relicários de memória, criados para se projetar futuros possíveis, para semear esperança. Nesses perfis, a luta e o luto são as duas faces da mesma moeda. São perfis-museus, fenômenos-museus com imensa potência para a constituição das subjetividades, que funcionam como interfaces entre as pessoas e suas respectivas concepções de mundo (SCHEINER, 1999). Falo aqui do museu enquanto ideia-criação, ideia-liberdade e ideia-resistência.

Por fim, acredito que os rastros digitais deixados para a posteridade nas plataformas de redes sociais funcionam como sociotransmissores⁶ desse espaço-tempo. Estejam presentes nos perfis, conscientemente criados para o arquivamento e coletivização das memórias do (*in*) possível, tal como o @pandemiadenarrativas, estejam eles apenas em nossos perfis pessoais, onde vivências são narradas e os laços sociais, fortalecidos. São todos registros memoriais, uma herança ou patrimônio negativo elevado à categoria de impossível, como afirma Sophie Wahnich (2011), já que designa um patrimônio ao avesso, que não deveria existir, que não se quer lembrar.

O patrimônio do qual o @pandemiadenarrativas trata é um patrimônio “bom para agir” (GONÇALVES, 2007), fundamental na elaboração da experiência traumática, essencial para tensionar as consciências, as perversidades do cotidiano, a perpetuação dos absurdos. Um patrimônio afetivo (BEZERRA, 2014) e sensível que, por seu forte caráter artístico, pode intervir no social, narrar o trauma, gerar mudanças, imaginar esperanças.

<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/36030>. Acesso em 27 dez. 2021.

⁶ Refiro-me ao termo criado pelo antropólogo da memória Joel Candau para a qual os sociotransmissores são: “todas as coisas que mobilizam o mundo (objetos tangíveis, intangíveis, como por exemplo, os lugares de memória, os seres animados, os seus comportamentos e o que eles produzem) que permitem estabelecer uma cadeia causal cognitiva entre pelo menos dois espíritos-cérebros (2005, p. 95).

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Magia e Técnica, Arte e Política**. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BEZERRA, Daniele Borges. **Patrimônio afetivo e fotografia: Relicários da memória no Asylo de Mendigos de Pelotas**. Pelotas: Daniele Borges, 2014.
- CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Pós, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 206-219, nov. 2012.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O espírito e a matéria: o patrimônio enquanto categoria de pensamento. In: **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio**. Rio de Janeiro, 2007, p. 107-116.
- MUSEU das Memórias (*In*)Possíveis. **Sobre o (*in*)possível**. Disponível em: <https://museu.appoa.org.br/site/sobre/>. Acesso em 29 dez. 2021.
- SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. In: **Simpósio Museologia, Filosofia e Identidade na América Latina e Caribe**. ICOFOM LAM, Coro, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.133-143, 1999.
- SOUSA, Edson Luiz André. Ler as cinzas: trauma, memória e esperança. In: **Seminário internacional memória e patrimônio: Revisitando a obra de Maurice Halbwachs**. 10., NEMPLUS/UFPEL, 27 out. 2020. 1 vídeo (1h 38min 54seg) [Palestra]. Disponível em: <https://youtu.be/X4bog4x-qE6s>. Acesso em 27 dez. 2021.
- WAHNICH, Sophie. L'impossible patrimoine négatif. **Les Cahiers Irice**, [S.L.], v. 7, n.1, p. 47, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3917/lci.007.0047>. Acesso em 27 dez. 2021.

As autoras e os autores

Alexsânder Nakaóka Elias

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS-UFRGS).

Email: alexdefabri@yahoo.com.br

Amanda Dias Winter

Bacharelado em Antropologia (UFPel).

Email: winteradias@gmail.com

Claudia Turra Magni

Departamento de Antropologia e Arqueologia ((DAA-UFPel).

Email: clauturra@yahoo.com.br

Daniele Borges Bezerra

Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt- UFPel).

Email: borgesfotografia@gmail.com

Mateus Fernandes da Silva

Bacharelado em Antropologia (UFPel).

Email: mateusfernandsasilva@gmail.com

Priscila Chagas Oliveira

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP-UFPel).

Email: priscila.museo@gmail.com



Pandemia de narrativas

vida em quarentena
um hipertexto sobre tempo, corpos e afetos



[instagram.com/pandemiadenarrativas](https://www.instagram.com/pandemiadenarrativas)



UFPEL

CAPES

PPGAnt
Mestrado | Doutorado

ANTROPOLOGIA
UFPEL PELOTAS/RS

LEPPAIS
Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção
em Antropologia da Imagem e do Som

ANTRO
POÉTICAS


casalettras

casalettras.com



ISBN: 978-65-86625-48-6